

REVISTA MODERNA

Magazine Quinzenal Illustrado

Director : M. Botelho

Revista Moderna

Artes e Lettras

Summario :

HENRIK IBSEN

Oswald de Lemos

HESPAÑA e ESTADOS-UNIDOS

M. Botelho

UM ESCULPTOR PORTUGUEZ
DO SECULO XVIII

José Pessanha

PORTO-ARTHUR

Ignotus

OS CIGANOS DE GRANADA

Mario Salbati

O FUGITIVO

Henrique de Vasconcellos

O CARNAVAL DE LISBOA

Instantaneos de Arnaldo Fonseca

QUADROS e FIGURAS do SECULO XVIII
EM PORTUGAL

Maria Amalia

A TATUAGEM

Thomaz Sweet

A ILLUSTRE CASA DE RAMIRES

EÇA DE QUEIROZ

NOTICIARIO ILLUSTRADO

SPORT

ESTE NUMERO É ACOMPANHADO
DO SUPPLEMENTO DE MODAS



HENRIK IBSEN

Redacção e Administração : 48, Rue de Laborde - PARIS

Procurem em todos os Ferragistas e Bazares

O INCOMPARAVEL SABONETE

MONKEY BRAND

Sem Rival para limpar toda a especie de metal

RENOVA COMPLETAMENTE DANDO O LUSTRO PRIMITIVO

O SABONETE MONKEY BRAND

Fabricado por **BROOKE'S**

É EMPREGADO NAS MELHORES CASAS DA EUROPA E AMERICA

MACDOUGAL & COMPANY
SCOTCH TAILORS.
1, rue Auber,
PARIS.
(Au coin de la rue Scribe)



55, RUE D'EPERNAY, 55
BRUXELLAS

Fabrica em Namur
Belgica

LEUSSEU FILS & C^o

Fabricantes de Armas de Precisão

ESTABELECIDOS EM 1874

55, RUE D'EPERNAY, 55
BRUXELLAS

Fabrica em Namur
Belgica

Especialidade em carabinas superiores para a caça ; carabinas de tres canos, systema Leusseau — Um immenso sortimento de artigos para caçadas, explorações e sport em geral. Cartuchos Leusseau para todos os calibres.

REVISTA MODERNA

Director : M. BOTELHO

MAGAZINE QUINZENAL ILLUSTRADO. — 48, Rue de Laborde, PARIZ.

COELHO NETTO

A *Revista Moderna* dará no seu proximo numero um bello retrato do brilhante escriptor brasileiro Coelho Netto acompanhando-o de uma serie de illustrações concernentes á residencia do distincto homem de letras. O nome, já tão aclamado d'este joven romancista representa na Litteratura contemporanea do Brazil uma das mais bellas manifestações da intelligencia e do trabalho ; e é com verdadeiro e sincero prazer que a *Revista* presta esta justa homenagem ao inspirado e talentoso escriptor. Estamos certos de que este numero despertará grande curiosidade em Portugal, obtendo, ao mesmo tempo, enorme successo no Brazil, porquanto, entre os leitores da *Revista Moderna*, o nome do festejado auctor d'*O Sertão* conta innumerados amigos e muitissimos admiradores. Completaremos esta agradável surpresa com a publicação de — MONDOVI — conto sertanejo, original do mesmo auctor e expressamente escripto para a *Revista*. É uma bella e pequena narrativa, cheia de vida e imaginação, na qual o escriptor, na impeccabilidade do seu estylo, descreve com original observação os pittorescos costumes dos caboclos do interior do Brazil. — Coelho Netto continuará a dar-nos a sua tão preciosa colaboração, e muito brevemente as nossas paginas serão abrilhantadas por um novo e vibrante trabalho que a *Revista* faz actualmente illustrar com todo o esmero e arte.

OLAVO BILAC

Saudamos com inexcédível prazer o apparecimento nas columnas da *Revista*

do nome de um dos mais sympaticos e brilhantes talentos da nova geração brasileira : O-lavo Bilac. O inspirado e vibrante poeta conta-nos, em phrases repassadas de sincera camaradagem, a existencia movimentada e trabalhosa de Coelho Netto, seu velho companheiro e amigo. Ninguem com mais competencia poderia firmar o artigo que no nosso proximo numero publicaremos sobre o escriptor brasileiro.

RECEBEMOS E AGRADECEMOS

— *Revue du Brésil*. — O nº 15 de Março traz na primeira pagina o busto de Felice Cavallotti, o illustre democrata italiano, morto ultimamente em duello. Além de artigos interessantes relativos aos diffentes Estados do Brazil, traz um retrato do distincto architecto paulista D^r Francisco Ramos de Azevedo, que tanto tem concorrido para o embellezamento de Campinas e da capital do Estado de S. Paulo.

— *15 de Novembro*. — Temos recebido este jornal que se publica em Sorocaba. Temos á vista o numero especial do Carnaval, impresso em duas côres. Offerece variada leitura.

— *Le Brésil*. — Chegaram-nos os nºs de 13 e 20 de Março. Trazem noticias circunstanciadas do Brazil, concernentes á politica e ás finanças. Na secção « Échos de partout », *Le Brésil* informa seus leitores sobre todos os ultimos acontecimentos. E' digno de attenta leitura esse jornal, que com justiça se chama *Correio da America do Sul*.

— *A Moda Elegante*. — Os nºs 11, 12 e 13 são interessantes. Às nossas leitoras recommendamos este jornal de modas.

— *La Diplomatie*. — Temos os nºs 20, 21 e 22, trazendo retratos do Pontifice Leão XIII, Jorge I, rei da Grecia e Essayed Hammoud, sultão do Zanzibar. No texto algumas gravuras acompanhadas de interessantes artigos.

— *Antonio Maria*. — O correio trouxe-nos os nºs 467 e 468. Contêm muito chistosas piadas. Commentam com o costume espirito os acontecimentos politicos de Portugal.

— *Sport Universel*. — nº 87, com a data de 19 de março, traz a « course de Marseille-Nice » effectuada em automoveis.

— *Revue Illustrée*. — Sempre graciosa. Temos o nº de 15 de março ; traz na capa o retrato de Claude Monet, acompanhado de um consciencioso estudo de Maxime Guillemot.

— *Revue Biographique Contemporaine*. Recebemos o 1º tomò. E' a 2º edição inteiramente refundida e consideravelmente augmentada, contendo as biographies de todos os membros do Instituto de França, do Governo e do Parlamento Francez, da Academia de Medecina e todas as personalidades vivas, francezas ou residentes em França, conhecidas por sua influencia nas letras, sciencias, artes, politica, industria, etc.

— *O Correio de Chaves*. — Chegaram-nos alguns numeros d'este orgão do partido regenerador. Bem escripto.

— *Gazeta de Bragança*. — Folha igualmente regeneradora. Encerra artigos de interesse.

A Revista Moderna

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILLUSTRADA

DIRECTOR: M. BOTELHO

COLLABORAÇÃO LITTERARIA DOS MELHORES ESCRIPTORES DO BRAZIL E PORTUGAL
E ILLUSTRAÇÃO ARTISTICA

DOS MAIS NOTAVEIS DESENHADORES DE PORTUGAL, FRANÇA, INGLATERRA E ALLEMANHA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

BRAZIL

Um anno. 50\$000
6 mezes. 30\$000
Numero avulso. 2\$500

FRANÇA

e outros paizes da União Postal.

Um anno 40 francos
6 mezes 24 »
Numero avulso. 2 »

PORTUGAL

Um anno 10\$000
6 mezes 5\$500
Numero avulso. 500

A REVISTA MODERNA ASSIGNA-SE E VENDE-SE NAS SEGUINTES CASAS.

BRAZIL

Rio de Janeiro. LAEMMERT E C^{ia}, *Rua do Ouvidor.*
São Paulo CASA GARRAUX, *Rua de 15 de Novembro.*
Pernambuco. LAEMMERT E C^{ia}, *Rua Marquez de Olinda.*
Pará. LIVRARIA COMMERCIAL, *Rua João Alfredo.*

Pelotas CARLOS PINTO E C^{ia}.
Santos. WEINMANN E C^{ia}.
Campinas. LIVRARIA ESCOLAR.
Ceará ALFREDO GENOUX.
JOAQUIM JOSÉ DE OLIVEIRA.

A REVISTA MODERNA acha-se a venda em todas as livrarias de Portugal

PARIZ : Escriptorio e Administração, 48, Rue de Laborde e Librairie nouvelle, Boulevard des Italiens

LONDRES : Arsenio Pinto Leite e C^{ia}, 11, Queen Victoria Street

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADEANTADAS

A-Revista Moderna — á parte a sua feição litteraria — é um CORREIO ILLUSTRADO creado exclusivamente para o Brazil e não pretende de modo algum tomar logar, entre as publicações de actualidade destinadas á Europa.

A responsabilidade de cada artigo inserido na REVISTA MODERNA, incumbe ao seu respectivo autor.

HENRIK IBSEN

DE Bergen a Christiania, desde as terras de Thelemarken até as regiões de Dovre, em toda a Noruega, resôa o echo das festas do jubileu do *store norsk mand* (o grande homem do Norte). Nascido a 20 de Março de 1828, completou Henrik Ibsen, o pujante dramaturgo scandinavo, a idade de setenta annos. Para a commemoração d'esse anniversario, a direcção do jornal *Samtiden*, de Bergen, publicou um livro consagrado á individualidade litteraria de Ibsen; e n'essa polyanthêa, a que o rei Oscar II se dignou conceder algumas linhas, a titulo de prefacio, collaboraram Holger Snoilsky, Lavertin, Lie, Heidenstam, Georg Brandes e outros, isto é, os nomes que mais em evidencia se têm collocado n'estes ultimos annos, desde a Finlândia até a Dinamarca.

Toda a Scandinavia está em festa, e os Suecos, esquecendo antigas rivalidades, olvidando a antipathia que os afasta dos seus vizinhos, fraternizam hoje com os norueguenses. De 20 a 25 de Março, a cidade de Christiania, ornada de flôres e bandeiras, illuminada como na commemoração

de uma data nacional, festeja a robusta velhice de um de seus mais queridos filhos, com representações de gala, banquetes e bailes publicos.

A Noruega tem tres heróes : Nansen, Bjornson

e Ibsen. Em Nansen o povo vê reviver as antigas e brilhantes façanhas dos Sagas, e os norueguenses o acclamam, freneticamente, conquistador das regiões polares; Bjornson, o colosso de voz subjugadora e possante, é o tribuno lyrico e representa a expressão do verbo do paiz; mas o pensamento dominador da raça scandinava vive na personalidade de Ibsen. A festa de hoje significa, pois, a homenagem do rei, da nação inteira e do porvir respeitoso perante o Grande Homem.

Mas a gloria não inebria o genial dramaturgo. Familiar

com ella, Henrik Ibsen, assistindo á sua apothese, pensa, de certo, na humilde casinha de Skien, onde nasceu, e nas horas da sua infancia, quando o seu genio, balbuciante ainda, lhe dictava as paginas de *Solness*, a sua primeira producção; rememora, sem duvida, as duras epcchas de sua mocidade; e hoje que se vê cercado de honras,



tendo ao peito a grã-cruz de S. Olaf, e partilhando com Bjornstern-Bjornson as homenagens quasi religiosas de seus concidadãos, elle evocará o tempo em que, com a originalidade subversiva de suas peças, despertava a colera e a indignação dos seus compatriotas.

Em França deve-se ao artista Antoine, fundador do Théâtre-Libre e hoje director da scena que tem o seu nome, o prazer intellectual de applaudir as producções de Ibsen. *Les Revenants* foram o primeiro drama que d'esse extraordinario escriptor se teve noticia em Paris. Passado um momento de natural surpresa, deante de tão audaciosa tentativa dramatica, foi a peça grandemente applaudida. Dois annos mais tarde, Antoine interpretava *Le canard sauvage*, cujo successo foi ainda mais consideravel.

Para celebrar o jubileu do immortal dramaturgo, o Théâtre Antoine representou no dia 20, precedidos de uma intelligente prelecção do poeta Jorge Vanor, *Les Revenants*, uma das obras mais fortemente impressionantes do Mestre, a qual, prohibida em Berlim, em Stockolmo, só foi representada em Weimar, graças á intervenção do duque de Saxe-Meinigen.

É curioso observar a singular fortuna que tem tido em França o nome de Ibsen. A admiração reflectida de alguns influenciou, como sempre, o numero de rebanho de *snoobs*, e depois dos dias heroicos do Théâtre-Libre, vieram as noites triumphaes do Cercle des Escholiers e do Théâtre de l'Œuvre, que têm tornado conhecidas varias peças do illustre escriptor, taes como « La dame de la mer », « J. Gabriel Borkmam », e algumas outras. A insufficiencia dos actores, a impropriedade dos scenarios, a fraqueza de certas traducções não arrefeceram o enthusiasmo do publico; e a voga cresceu de tal modo em torno do nome glorioso de Henrik Ibsen, que — seguindo o exemplo do Théâtre-Libre — os salões mundanos deram algumas representações memoraveis.

Assim, não obstante o caracter ficticio e superficial de certas admirações imitativas, a influencia do dramaturgo scandinavo sobre o pensamento

francez tem sido profunda; e hoje os escriptores de França se associam de coração ás festas intellectuaes de Christiania.

No Rio de Janeiro o incomparavel actor italiano Ermete Novelli tornou conhecido e fez applaudir o nome de Ibsen. Privilegiado por uma excepcional malleabilidade de talento, Novelli, que interpreta com a mesma proficiencia e com a mesma perfeição artistica, *Otello e La zia di Carlo, Il pane d'altrui* ou *La famiglia Pont-Biquet*, isto é, a comedia-buffa após a tragedia, e a alta comedia depois do drama, offereceu á admiração da platéa fluminense *Gli Spettri*, do mestre norueguense. E a critica, analysando intelligentemente o extraordinaria drama, corroborou a opinião da Europa.

Cerca de trinta peças compõem a bagagem litteraria de Ibsen. Citemos, entre outras, *A comedia do amor, Brand, Peer Gynt, Uma casa de boneca, O pato selvagem, A dama do mar, Os espectros, Hedda Gabler, João-Gabriel Borkman*, o ultimo de seus trabalhos, em ordem chronologica.

N'essas peças tem o escriptor aventado todas as questões de ordem moral, politica, religiosa ou social. « A comedia da amor », obra de propaganda politica, provocou numerosas polemicas; nos « Pretendentes á corôa », em que o auctor reclama a união dos povos do norte, elle despertou, igualmente, vivas discussões, que lhe valeram, a par da admiração illimitada de uns, acerbas criticas de outros. Em um drama agitou, finalmente, a questão da polygamia, de que se tem tornado defensor. E n'essa questão, que constitue um assumpto de interminada discussão nos Estados scandinavos, tem Ibsen como poderoso adversario Bjornson, que é o defensor da monogamia.

A *Revista Moderna*, jornal litterario e noticioso, não podia, por esse duplo titulo, calar as saudações que se fazem ruidosamente em torno do nome de Henrik Ibsen. N'este rapido e imperfeito esboço presta a sua homenagem a um dos maiores vultos litterarios d'este seculo.

OSWALD DE LEMOS.



Hespanha e Estados-Unidos

O CONFLICTO diplomatico que desde o começo da insurreição cubana divide os governos de Washington e de Madrid, entrou na sua crise aguda e final. As manifestações bellicosas e os preparativos de guerra, feitos com tanta ostentação pela America do Norte, n'estes ultimos dias, redundaram, talvez, quando estas linhas forem publicadas, em uma formal declaração de guerra. Não obstante a sincera e franca correcção do presidente Mac Kinley, respondendo

o papel representado pelos Estados-Unidos é e tem sido altamente antipathico e injusto. O antecessor do actual presidente, o Sr. Grover-Cleveland, sustentou a sua palavra até as ultimas deliberações do seu governo, impedindo toda e qualquer manifestação official contra a Hespanha. A sua conducta foi violentamente criticada por grande numero de seus concidadãos, mas nem por isso deixou de ser impecavel, sob o ponto de vista do direito das gentes. O Sr. Mac-Kinley, espi-



OS PREPARATIVOS DE GUERRA NOS ESTADOS-UNIDOS

Alistamento de voluntarios na sala de policia de Nova-York.

aos senadores de Hebraska « que preferia vêr o seu governo naufragar miseravelmente a vê-lo tomar perante a historia a responsabilidade de uma guerra sacrilega »; não obstante a boa e sã orientação de uma grande parte da opinião, o vento da guerra sopra com violencia, desencadeiado pelos jingos especuladores e pelos aventureiros demagogos, que incitam a população na imprensa e nas praças publicas. Em toda esta triste historia da intervenção americana nos negocios de Cuba,

rito reflectido e pratico, dotado do sentimento exacto do que deve ao seu paiz no exercicio das suas funções, armado de uma constituição que lhe permite suffocar todos os clamores, remover todas as difficuldades, garantindo-lhe as prerogativas de soberano absoluto durante um tempo limitado, poderá conseguir, em meio desse desvario geral, os mesmos resultados que o seu antecessor?

Ha cinco annos, em começo da actual insur-

reição cubana, a Hespanha para ali enviou o marechal Martinez Campos, militar distincto e humanitario, respeitado e admirado por todos os partidos. A sua politica em Cuba foi a da pacificação, por meio de uma guerra leal, distribuindo, antes de tudo, a justiça para todos. Os suspeitos amigos dos Cubanos não foram de modo algum gratos a esse proceder; e o syndicato dos flibusteiros começou a funcionar com cynismo. Julgados insufficientes pelo Sr. Canovas os meios empregados pelo marechal Campos, foi este chamado a Madrid, partindo, para substituí-lo, o general Weiler. Até este momento o gabinete de Washington limitou-se a criticar duramente a administração do novo governador militar e a advogar a causa dos revol-

grande parte, aos reiterados conselhos dirigidos pela diplomacia americana ao gabinete de Madrid. Em bem da verdade, é preciso dizer que o actual primeiro ministro hespanhol refreou sempre a politica seguida por Canovas n'esta ruinosa insurreição, e substituto indicado ao grande chefe conservador, desejava sinceramente o Sr. Sagasta fazer entrar o seu paiz na era das conciliações, tendo para isso em mão um projecto completo do *home-rule*, destinado a ser applicado na grande ilha. O governo americano, inaugurando a presidencia do Sr. Mac-Kinley, foi o primeiro a propôr ao novo chefe liberal uma mediação entre o governo da metropole e os revoltosos, propondo, ainda mais, que os dous gabinetes trabalhariam

de commum accordo, para que fosse adoptado um conjuncto de medidas, que dêsse satisfação ás duas partes, comprometendo-se os Estados-Unidos a usar de toda a sua influencia junto aos insurrectos, para que os mesmos acceptassem as concessões indicadas. Obedecendo a um sentimento de dignidade e de amor proprio, muito comprehensíveis, o gabinete de Madrid agradeceu a gentileza d'esses offerecimentos, resolvendo muito nobremente o Sr. Sagasta, sem o concurso ou ingerencia de qualquer nação, applicar e fazer aceitar pelos interessados uma constituição que elle proprio elaborára para a ilha de Cuba. Dava, ao mesmo



Expedição de ordens telegraphicas e telephonicas.

tosos pelo violento regimen marcial estabelecido na ilha. Dizia n'essa epocha o governo americano á Hespanha. « Será muito mais humanitario fazer uma politica conciliadora, procurando as bases de um accordo com os Cubanos e dotal-os, depois de uma larga amnistia, de instituições autonomas, similares áquellas que a Inglaterra applica com tanto successo nas suas colonias ».

Com ou sem razão, o Sr. Canovas repelliu sempre estes conselhos, morrendo nas circumstancias desastrosas que todos conhecem, sem transigir de uma linha na execução do seu programma, que o general Weiler tinha sido encarregado de applicar. Quando, pela morte de Canovas, o ministerio Sagasta subiu ao poder, em Outubro de 1897, elle trazia, para revolver o problema da pacificação, um plano politico, que parecia corresponder, em

tempo, uma solemne prova de boa vontade á politica americana, chamando e substituindo o general Weiler, que se tornava incompativel com a experiencia franca e sincera que ia ser começada do *home-rule* libertador. O governo dos Estados-Unidos, melindrado pela não aceitação dos seus offerecimentos, proclamou, sem perda de tempo, que as experiencias de autonomia não produziam resultado apreciavel, e começou, d'essa data, a favorecer, por meios indirectos, os manejos jingoistas, que pediam simplesmente a independencia completa da ilha. Em muitas capitães europeas os especuladores da grande *união*, que fizeram de Cuba a base de um grande negocio, agitam a opinião em favor da independencia, fazendo correr os mais increditaveis boatos; e nos principaes centros da America trabalham elles

sem a menor cerimonia, em pleno dia, organizando, sob as vistas protectoras da auctoridade, a serie interminavel das expedições flibusteiras, que fazem as delicias da reportagem aquartelada em Key-West.

Dois incidentes completamente distinctos um do outro vieram ultimamente agravar as relações dos dous paizes, fornecendo esplendidos pretextos ao elemento perturbador, que bem os explorou, prestes a desencadeiar a guerra, como resultado d'essa hedionda campanha. O primeiro foi a publicação da carta do Sr. Dupuy de Lôme, ex-ministro da Hespanha em Washington. Pondo em pratica o axioma que nos affirma que « os fins justificam os meios », foi essa missiva, toda particular, deslealmente subtrahida, apresando-se a imprensa em dar publicidade ás phrases pouco amaveis que ella continha em relação ao presidente Mac-Kinley. A chamada immediata d'esse diplomata, que foi o primeiro a exonerar-se, poz fim, sem maiores consequencias, a esse primeiro incidente. O segundo, bem mais grave e que ainda não pode ser resolvido, é o pretexto apparente, que ameaça conduzir hespanhoes e americanos a uma terrivel conflagração. Referimo-nos á explosão do *Maine*, que se não é directamente lançada em conta do governo de Madrid, as paixões desencadeiadas accusam sem temor as auctoridades da Havana, que não souberam proteger nem impedir a intervenção criminosa de alguns fanaticos que executaram esse pavoroso crime.

E por este raciocinio inaceitavel, que não foi confirmado por uma só investigação official, os Estados-Unidos, na eventualidade de uma recusa ao pedido de indemnisação que se propõem fazer, prepararam-se ostensivamente para a guerra, entregam-se a uma febre de armamentos, mobilizam exercito e armada, compram navios no estrangeiro, e deixam-se, emfim, arrastar por uma allucinação sem limites, que ameaça tudo destruir.

A marinha mercante é chamada em grande escala para auxiliar a defesa nacional, e em quarenta e oito horas armadores de toda a sorte offerecem ao governo dezenas de paquetes, para serem transformados em cruzadores. O estado-maior organiza escriptorios em Nova-York, para o alistamento e as providencias mais urgentes de

garantia á grande cidade, ordenando, ao mesmo tempo, a mobilisação immediata de *cento e tres mil* homens. Duas esquadras volantes, juntamente com outras formadas de velhos monitores, encarregam-se de defender as costas. A bella esquadra activa, composta de velozes cruzadores e temiveis encouraçados, sulcará os mares, indo apoderar-se de Cuba e levar a destruição e a morte ao reino de Hespanha e de Aragão. Como é admiravel o poder do dinheiro! Em algumas



Officiaes estrangeiros em disponibilidade, offerecendo os seus serviços aos Estados-Unidos.

poucas horas, uma nação, que vive inteiramente consagrada ao balcão, transforma-se em potencia militar e naval de primeira ordem, capaz de guerrilhar com Deus e a Humanidade. Estão os Americanos bem tranquilos sobre a solidez d'essa machina de guerra, que montaram tão sofregamente; resistirá ella a um funcionamento mais ou menos longo ou é um *breveté* de pouca duração?

Todos aquelles que acompanham com interesse a lucta d'esses dous povos diametralmente oppositos, a admiravel coragem d'essa bella raça latina



Illustrate Zeitung.

Gravura de F. J. Weber.

PENSATIVA

QUADRO DE GABRIEL MAR

Um Escultor Portuguez

do seculo XVIII

(CARTA AO SECRETARIO DA *Revista Moderna*.)

MEU QUERIDO AMIGO,

CONHECES Linda-a-Velha? Propendo a crêr que não, exactamente porque ficava, se bem me lembro, a curta distancia d'esse pittoresco logarejo do arrabalde lisboeta, a casa de teus paes.

Na biographia de Theophilo Braga, observa Ramalho Ortigão que, em geral, conhecem-se pouco as cousas de que se falla muito. Assim é, com effeito; e o mesmo succede com os logares, monumentos e curiosidades de ao pé da porta. Se ha patricios nossos que ignoram o doce prazer de atravessar o Tejo até ao Barreiro ou até ao Alfeite, por uma limpida e serena manhã de sol, entre a luminosidade triumphante da agua e do ceu; — que nunca viram esse bello e incomparavel claustro dos Jeronymos, que é, verdadeiramente, o deslumbrado, o inquieto, o aventureiro espirito portuguez da Renascença feito pedra; — que desconhecem o já truncado mosteiro da Madre de Deus, com os seus notabilissimos quadros, a sua primorosa sacristia, o seu admiravel côro de cima; — que jámais se internaram no velho bairro historico de Alfama, tão caracteristico, ainda na sua disposição topographica, na pittoresca e expressiva nomenclatura das ruas, no aspecto de algumas construcções!

Pois se é certo que, de Linda-a-Velha se não pôde dizer o que, de Napoles, affirma o dictado italiano e de Sevilha o hespanhol, — não é, contudo, menos verdadeiro que, ahi por Abril ou Maio, quando, em plena renovação da natureza, as searas ondeiam, riem as papoulas e os malmequeres, e no recesso perfumado e humido dos pomares, o melro canta, vale a pena excursionar por esse viçoso trecho dos arredores de Lisboa onde, entre choupos altos e esgalhados e mimosos planteios de horta, corre sinuosamente o Jamor, e onde ficam os antiquissimos logares de Carnaxide, Linda-a-Pastora e Linda-a-Velha, — um no valle, pouco sobranceiro ao riacho; outro espreguiçando-se, nitente de cal, n'uma encosta; o terceiro n'um alto, ao nascente, para os lados do Monsanto.

Garrett, — organização essencialmente artistica, e, portanto, de uma perfeita e requintada impres-

sionabilidade, — confessa que, ao chegar á ponte do Jamor, um dia primeiro de Maio, parára extasiado. Lembras-te? É no *Romanceiro*. Na introdução á graciosa *pastorella* que nenhum portuguez, creio eu, desconhece :

— « Linda pastorinha, que fazeis aqui? »

— « Procuro o meu gado, que por ahi perdi. »

Conta o poderoso artista do *Frei Luiz de Sousa* e das *Folhas cahidas*: — « ... Chegando á ribeira de Jamor, parei extasiado no meio de sua ponte; porque a varzea que d'ahi se estende, recurvando-se pela direita para Carnaxide, e os Montes que a abrigam em derredor, estava tudo de uma belleza que verdadeiramente fascinava. O trigo verde e viçoso ondeava com a viração, desde as veigas que rega o Jamor até os altos onde velejam centenas de moinhos. Arvores grandes e bellas, como rara vez se encontram n'esta provincia *dendroclasta*, rodeavam melancolicamente, no mais fundo do valle, a velha mansão do Rodizio. E lá, em perspectiva, no fundo do quadro, uma aldeia de Suissa, com suas ruas em soccalcos, seu presbyterio ornado de um ramalhete de faias; grandes massas de basalto negro pelo meio de tudo isto, parreirae, jardinsitos quasi pensis, e uma graça, uma simplicidade alpina, um sabor de campo, um cheiro de montanha, como é difficil de encontrar tão perto de uma grande capital. »

Tem ainda hoje uma consideravel porção de verdade esta deliciosa e suggestiva *mancha* de aguarellista, o que é, devéras, para surprehender, visto como, no tocante ás povoações e monumentos, o progresso, entre nós, se tem geralmente affirmado, deturpando, mutilando ou destruindo, — tranquillamente, sem protestos nem opposições, — tudo quanto uma recordação historica ennobrece, uma velha lenda poetisava, um ar caracteristico ou uma feição pittoresca distinguia, uma expressão d'arte consagrava. Apenas alguns eucalyptos, misturando-se indiscretamente com as arvores proprias da flora regional — o choupo, a oliveira, a laranjeira, a olaia, a nogueira... Em Linda-a-Velha é que já abundam os effeitos do impetuoso modernismo constructivo que nos ulti-



Baixo relevo de Silverio Martins na ermida de Linda-a-velha.

mos annos tem transfigurado, de um modo tão lamentavel e absurdo, as estancias de *villeggiatura* e de banhos das cercanias de Lisbôa (Cintra incluída), obliterando-lhes a accentuada feição typica, para lhes dar um aspecto falso, bastardo, incaracteristico, hybrido, mercê da concorrência anomala e tumultuaria das fórmulas do *chalet*, do *cottage*, do *kioskue*, da *gare*, da fabrica...

Mas tudo isto veiu, — talvez um pouco fóra de proposito, — para te contar que na ermida de Linda-a-Velha, — uma pequena ermida vulgar dos fins do seculo passado, — encontrei eu, não ha muito, dois apreciaveis especimens da esculptura italo-portugueza da epocha, assignados por um artista cujo nome recolheram Volkmar Machado e o conde de Raczynski, mas de quem era citada unicamente a collaboração na obra monumental de Mafra : — *Silverio Martins*.

Uma d'essas interessantes esculpturas, das quaes não existe impressa, que eu saiba, a mais summaria noticia, a mais rapida descripção de inventario, é um baixo relevo de barro cozido e pintado, composto de sete figuras e medindo 1^m,50 × 1^m,15. Representa um dos passos da paixão de Christo, e acha-se embebido na parede da capella-mór, do lado do evangelho. No primeiro plano, tres personagens : — Christo cahido sobre a pesada cruz ; a Veronica, de joelhos, em cabello, manto azul, tunica rôxa, lenço branco traçado no peito, e dispondo-se a limpar com uma toalha a fronte, coberta de sangue e pó, do amoravel *rabbi* de Nazareth ; e um judeu, de tunica amarella, curta, e manto verde, agredindo-o brutalmente. No se-

gundo plano, tres figuras tambem : — por detrás da Veronica e ajoelhada como ella, outra mulher, de mãos postas, véu branco pela cabeça e hombros, tunica vermelha e manto azul, olha compassiva e supplicante aquella commovedora scena, e, em quanto o cyreneu, de trajos amarellos, e um como turbante branco, procura erguer o pesado madeiro do supplicio, um soldado romano, de capacete, cota azul e manto vermelho, tem o braço levantado para açoitá-lo. No terceiro plano, um soldado a cavallo, de capacete, manto amarello, empunhando um estandarte vermelho com as letras

S. P. Q. R. Fundo de paizagem e architectura : — á direita, uma grande oliveira ; á esquerda, o Calvario, com as cruces destinadas aos dois malfetores condemnados simultaneamente com Jesus ; ao meio, um vasto edificio com torreões. A assignatura do auctor e a data encontram-se na parte esquerda e inferior, em caracteres romanos maiúsculos, cavados ao de leve no barro, e cobertos a tinta preta :

SILVERIO

MARTINS

FEC. 1781.

— Mesmo quando o não subscrevesse um nome de artista, jamais se poderia ter este curioso baixo relevo como obra de qualquer dos incultos mas adoraveis *barristas* populares, e, quer pela composição, quer pelo desenho e modelado das figuras, haveria necessariamente de ser attribuída a um d'aquelles estatuarios do seculo XVIII, que tanta vez preferiam o barro pintado ao marmore e ao bronze.

Apezar de um certo convencionalismo, que trahia a influencia romana, importada por Alexandre Giusti, — o mestre — esculptor das obras de Mafra, que foram, como, annos depois, as da Ajuda, uma verdadeira escola de Arte, — o baixo-relevo de Linda-a-Velha tem pedaços amorosa e sinceramente estudados, e, n'algumas figuras, uma evidente palpação de vida interior. É para sentir que tenha sido modernamente revestido de uma grossa camada de tinta, e que se haja partido a

perna esquerda do soldado do primeiro plano, que foi imperfeitissimamente collada.

A outra obra de Silverio Martins é uma graciosa imagem de S. Sebastião, com 0^m,85 de altura. O meu amigo Antonio A. da Costa Motta, a quem mostrei o baixo-relevo, foi o primeiro a reparar n'essa linda estatueta, descobrindo logo, com a sua visão segura de artista, uma flagrante analogia entre as duas esculturas e attribuindo-as ao mesmo auctor. É igualmente de barro cozido e pintado e occupa uma das misulas que acompanham o altar-mór. A tinta parece ser a primitiva. Preso a uma arvore, manto vermelho pelos hombros, as peças da armadura no chão, encostadas ao tronco, — a um lado a couraça, a outro o capacete e o escudo, — essa deliciosa esculturinha distingue-se, não só pela correcta execução da figura, especialmente do torso e das pernas, como também pela viva elegancia da composição. A assignatura, confirmando a prompta conjectura do escultor A. Motta, encontra-se no escudo, em curativo, a tinta preta :

Silverio Martins
Fec. 1781.

Ha ainda, na mesma capella, outra escultura de barro cozido, dos fins do seculo passado, — já mutilada, todavia, e sem assignatura. Representa Santo Amaro, e mede 0^m,47. Falta-lhe a mão direita, que devia empunhar o baculo. É de crer que seja igualmente obra de Silverio Martins.

A interferencia d'este artista na decoração do pequeno santuario humilde de Linda-a-Velha, explica-se por uma circumstancia biographica, mencionada pelo pintor e historiographo Cyrillo Volkmar Machado, na sua *collecção de memorias relativas ás vidas dos pintores e esculptores, architectos e gravadores portuguezes, e dos estrangeiros que estiverão em Portugal* (Lisbõa, 1823) : — Silverio Martins era natural de Linda-a-Velha. Esses trabalhos teriam talvez, até, representado, não a execução de uma encomenda, mas um tributo espontaneamente pago pelo artista ao culto da sua

religião e ao amor da sua terra. Fortalece esta hypothese o facto de ter sido a ermida fundada, como se vê de uma pequena lapide sobreposta á janella do côro, no anno anterior áquelle de que são datadas as esculturas : em 1780. Silverio Martins haveria contribuido com o seu trabalho para essa piedosa fundação dos seus conterraneos.

Meiado do seculo XVIII, ainda não existia em Linda-a-Velha ermida nenhuma do povo, segundo informação oficialmente dada n'essa epocha pelo vigario de Carnaxide. A que havia, era particular e ficava dentro da quinta da viuva do celebre academico e diplomata Dr. Alexandre de Gusmão. Conjecturo que essa quinta é a que hoje se denomina *dos Acyprestes*, — uma linda vivenda do seculo passado, de uma clara e genuina accentuação nacional, com seu pateo amplo, escada exterior, patim alpendrado dando accesso a duas alas do palacete, capellinha, agora profanada, com *lambris* de azulejos e retabulo de talha no altar.

Silverio Martins morreu, segundo Volkmar Machado, em 1795.

* * *

A inventariação completa e methodica do nosso já defraudado mas ainda valioso thesouro artistico, deve ser o fundamento e o inicio do systema de providencias governativas com que é urgente, em face dos mais serios inte-

resses moraes e materiaes do paiz, promover entre nós uma forte reviviscencia artistica. É certo que esse trabalho só pelo governo póde ser effizamente apprehendido. Mas, emquanto o poder central não intervem, — e Deus sabe quando intervirá! — vamos nós, os que presamos a Arte e amamos a nossa terra, dando a conhecer, embora fragmentariamente, o que ainda resta da nossa extraordinaria, maravilhosa riqueza artistica.

Por mim, não me tenho poupado, nem pouparei, á tarefa; e, se te parecer bem, il-a-hei, d'óra avante, realisando de preferencia nas paginas, tão finamente elegantes, do teu quinzenario.

JOSÉ PESSANHA.



Escultura de Silverio Martins na ermida de Linda-a-Velha.

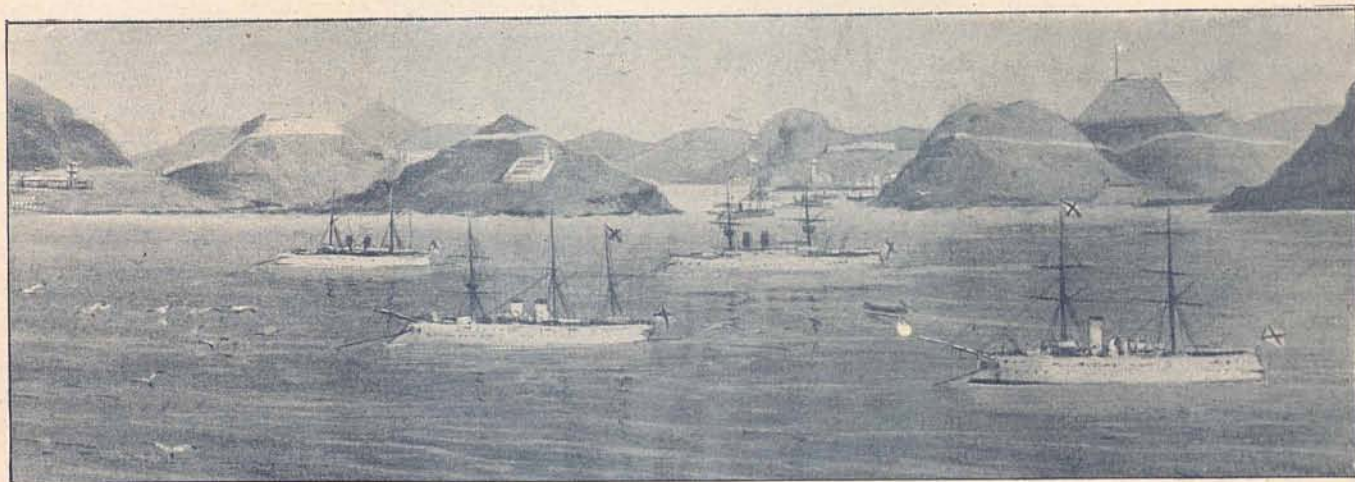
PORTO - ARTHUR

DESGRAÇADAMENTE SOOU para o vasto Imperio do Meio a hora da partilha final. Esse desmembramento, que já tinha sido seriamente começado em 1885, pela esquadra do almirante Courbet, que impoz aos chinezes o protectorado da França sobre todo o Annam, recebeu novo e vigoroso impulso com as consequências da ultima e desastrosa guerra sustentada contra o Japão. O governo de Pekin, senhor da mais vasta nação, reinando sobre o fabuloso numero de quatrocentos milhões de subditos, não possui, em meio de toda essa grandeza, a menor parcella d'auctoridade ou prestigio capaz sómente de um protesto indignado contra a invasão estrangeira, que lhe arranca as mais bellas partes do territorio nacional.

É simplesmente incrível que a oligarchia tenha tomado entre as classes dirigentes um tal desenvolvimento e que a decadencia d'esse povo seja um facto tão pronunciado, que o reduza a esse estado de putrefacção moral, que torna governantes e governados insensíveis ás dolorosas humilhações que constituem n'estes ultimos tempos os unicos e constantes regalos da cõrte de Pekin.

Tcheou; em segundo lugar, a concessão por noventa e nove annos de um porto, destinado a servir de deposito de carvão, na provincia de Kouei-Tcheo e situado na costa oriental da peninsula de Lei-Tcheou; em terceiro, privilegio para a construcção de um caminho de ferro de Lao-Kaia Yun-Nan, com direitos exclusivos de exploração de minas n'esse territorio; finalmente, exigindo da China, que escolha sempre um subdito francez para director dos correios do Imperio.

Se o Japão protestou energicamente contra o pedido da Russia de instalar-se em Porto-Arthur, ameaçando não desoccupar Wei-Wai-Wei, se os marinheiros do Tsar se fixarem delinitivamente no grande porto chinez; a Inglaterra, por conta da sua politica e dos enormes interesses commerciaes da Birmania britannica, protesta contra as exigencias da França. A imprensa londrina diz que as pretensões do Sr. Hanotaux são um meio indirecto de cortar as relações inglezas entre Singapour e Hong-Kong, e fazendo um proposital e perigoso mutismo sobre os futuros pedidos que o gabinete de S. James não tardará a formular, dá a entender que o governo



A esquadra russa em Porto-Arthur.

A victoria do Japão abriu para a China a segunda era das concessões. O tratado de paz deu ao governo do Mikado a ilha Formosa, meia duzia de encouraçados, uma bella indemnisação e a occupação provisoria do grande arsenal maritimo e importante praça de guerra de Wei-Wai-Wei. A Allemanha, pobre de interesses commerciaes no extremo oriente, exige inesperadamente e sem a menor justificativa, o porto e bahia de Kiao-Tcheai, grandes territorios, minas, um valioso subsidio e caminhos de ferro. A Russia, vizinha da Coréa pelas fronteiras da Siberia, envia ao Filho do Céu uma especie de ultimatum, pelo qual exige direitos de estada em Porto-Arthur e Ia-Lien-Wan por noventa e nove annos, prolongamento do Transiberiano, atravessando a Mandchuria até Porto-Arthur, estabelecimento de um protectorado sobre a Coréa e diversos outros privilegios. E antes tarde que nunca — a França se apresenta, estendendo ao Tsong-Li-Yamen, uma lista completa, prestes a ser executada em oito dias, segundo as exigencias do Sr. Hanotaux. Por ella, a China deve comprometter-se formalmente a não ceder a outra potencia uma parte qualquer dos territorios, fazendo parte das quatro provincias de Kouang-Tong, Kouang-Si, Yun-Nan e Kouei-

de S. Magestade, em nome dos seus interesses e dos seus direitos de antiguidade, reclamará grandes compensações. Após ella virá o Japão, e depois os Estados-Unidos, e uma vez todos fartos e contentes, que restará da pobre China? No proximo verão uma dezena de vapores e quarenta embarcações ostentando pavilhão russo, transportarão da Siberia até o centro da Mandchuria, pelas aguas do Soungari, o material destinado á secção do caminho de ferro que ligará Porto-Arthur ao Transiberiano. O começo dos trabalhos de construcção será, sem duvida, o signal da occupação da Mandchuria pelos soldados do Tsar, que, agglomerados na fronteira, entre Vladivostok e Nikolski, se elevam a muitas dezenas de milhares. Todas estas circumstancias explicam a posição do Japão, quasi alliado á Inglaterra oppondo-se tenazmente á politica invasora da Russia. A Coréa, que é o ponto fraco das exigencias de São Petersburgo, ficará sempre á disposição das forças do Mikado, pela facilidade com que poderão estas ahi desembarcar, n'um grande exercito em pé de guerra. — A marcha d'estes acontecimentos nos fará voltar ao assumpto, pondo os nossos leitores a par das mil surpresas que motivarão as pretensões da Inglaterra e do Japão.

IGNOTUS.

Os ciganos de Granada

SUPPÕE muita gente que já não existem na Europa habitantes das cavernas, e que os unicos seres humanos que ainda vivem n'essas condições, são os indios da America do Sul, em tribus espalhadas pelas margens do Amazonas. Os forasteiros que têm atravessado a Hespanha, pôdem, no emtanto, afirmar que em plena patria de Cervantes se encontram habitantes das cavernas; em Granada, nas encostas das collinas fronteiras á Alhambra.

Quem transpuzer a Porta da Justiça, em Alhambra, vê um velho pittorescamente vestido, que, em duas palavras de Inglez mal proferidas, em algumas syllabas mal articuladas de Francez, informa o estrangeiro de que é elle o « rei dos ciganos. » E, sem demora, a magestade bohemia offerece a sua photographia, a troco de pequena somma; e para que não se ponha em duvida a authenticidade do retrato, o vetusto monarcha se colloca na attitude em que o photographo o surprehendeu.

Os guias oppõem-se, em geral, a esse negocio, porquanto, longe de o venerarem como soberano, desprezam-no como ébrio.

O guia, que me iniciava nos mysterios d'essa população original, referiu-me um estratagema de que elle e seus companheiros se servem, no intuito de se libertarem, de vez em quando, do rei importuno. Sendo a mendicidade permittida na Hespanha, não lhes seria possível obter sob esse pretexto a incarceration do cigano; a embriaguez, porém, é punida por lei, e a esse vicio o monarcha é, infelizmente, muito propenso. Assim, organi-

zaram os guias uma conspiração, cujos resultados têm sido, em successivas experiencias, extremamente satisfatorios. Consiste simplesmente em dar cada guia — e elles são em numero de cinco — n'uma manhã determinada, uma peseta ao rei dos ciganos, que se apressa em despender a metade da somma em bebidas alcoolicas, cujo effeito bem rapidamente se faz sentir.

Emquanto o soberano grita e produz ruído escandaloso, a policia, prevenida, vem convidar-o a transportar-se á prisão de Granada, onde, com transparente jubilo dos seus cinco terriveis adversarios, o monarcha passa dois breves mezes.

E o estratagema se repetirá, com identico successo, até o dia em que a população cigana chorar a perda do seu chefe.

O panorama que se descortina das muralhas de Alhambra, para a demolisção da qual os gitanos em grande parte concorreram, é [simplesmente maravilhoso. Para qualquer ponto que a vista se alongue,

o espectáculo varia e encanta. O mais limitado horizonte é do lado das collinas, onde são cavadas as cavernas, e é em extremo curioso o espectáculo que apresentam as roupas dos ciganos, de variadas côres, sobre o fundo verde formado pela vigorosa vegetação.

Na distancia em que me achava, eu não distinguia a pouca limpeza que esses vestuarios em geral apresentam, e até os porcos, os carneiros que tranquillamente pastavam, tinham o aspecto aceiado, de que de certo mais perto eu me desiludiria.



O rei dos ciganos.

Ao pé da montanha, corre, claro e rapido, o rio Douro, que apparece por detraz do promontorio



Exterior de uma caverna.

rochoso, como se viesse precipitado das entranhas das sierras, sulcadas por corregos e ribeiros que alimentam a grande corrente.

A visita ás cavernas é insistentemente aconselhada pelos guias, os quaes, entretanto, recomendam com empenho que o trajecto até a collina seja empreendido a carro. O viajante que, por motivo de economia ou por amor ás fatigantes excursões, fizer o percurso a pé, certamente lamentará essa decisão. Desde o momento em que deixa a cidade propriamente dita, onde os mendicantes em grande numero vociferam desabridamente, será seguido por elles; e se, por acaso, se detem um instante, vê-se de subito cercado por uma multidão côr de cobre, composta de homens, mulheres e creanças, que não pedem esmola, mas a exigem. Se o excursionista não dispuzer de bastante vigor, não hesitarão os ciganos em arrancar-lhe á força o que não puderem obter sem violencia.

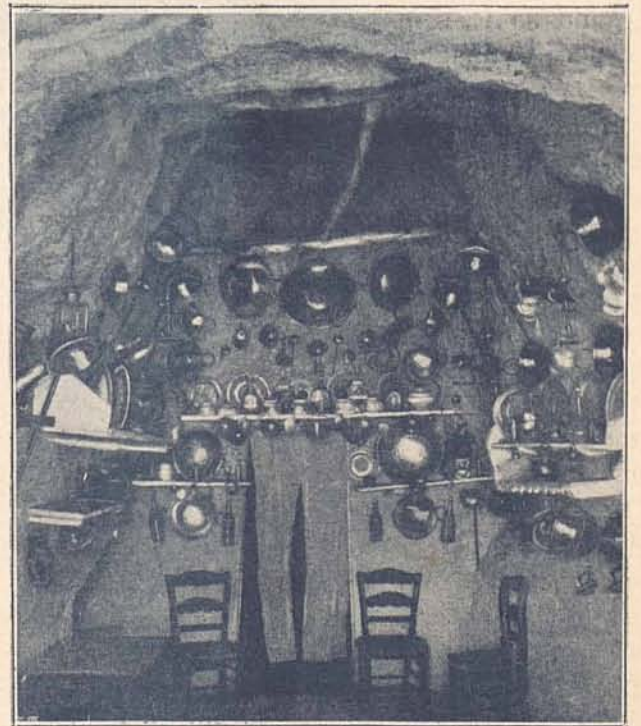
O melhor meio de conhecer esse pittoresco recanto de Granada, é, sem duvida, percorrel-o ao lado de um guia, que conheça a linguagem fallada pelos ciganos e que saiba servir-se da grossa bengala que usam os ciceroni. É necessario muitas vezes empregar com vehemencia, tanto o guttural dialecto, quanto o bastão nodoso e forte.

Apezar do nullo aceio d'essa população ociosa e indolente, têm os gitanos uma bella apparencia de

saúde. Os homens são, em geral, altos, bem feitos, robustos e sympathicos; as mulheres bonitas quando jovens, sem que sejam bellas, como pretendem os romances de que são protagonistas; as creanças, que coalham as viellas, são vigorosos mendigosinhos, que acompanham os carros que passam ao trote de dois cavallos, fazendo caretas aos estrangeiros e dizendo-lhes inintelligiveis phrases, destituidas, sem duvida, de cordialidade e de sympathia.

O Sr. Augusto Hare, que escreveu um consciencioso livro sobre a Hespanha, não occulta a sua antipathia pelos ciganos de Granada; mas sem negar o lado original e curioso que elles apresentam, cita a respeito d'esse povo meio selvagem algumas historias interessantes.

« Achava-se um dia — refere o Sr. Hare — um cigano aos pés do confessor, quando vislumbrou no bolço do bondoso sacerdote uma caixa de rapé, de precioso e scintillante metal. Roubou-a com dextreza. « Meu pae, disse elle, immediatamente, eu me accuso de ter subtrahido uma caixa de rapé, de prata. — Deves restituil-a áquelle a quem o objecto pertence, aconselhou, sem demora, o confessor. — Meu pae, quer essa caixa? — Certamente não. — Eu já a offereci ao seu dono, continuou o cigano, e elle não a aceitou. — N'este caso, pódes guardal-a, pois já cumpriste o teu dever ». Só ao levantar-se do confessionario, quando o penitente, absolvido, já se havia reti-



Interior de uma caverna.

rado, comprehendeu o sacerdote que fôra roubado durante a confissão.

As dansas dos ciganos, reproduzidas sem grande cunho de verdade nos theatros, são a malagueña e a romalis. A começo uma mulher dança só, lentamente, mais com as mãos do que com os pés, em attitudes por vezes graciosas; gradualmente, por meio de gestos airosos, convida ella um homem a acompanhá-la. A dança se aviva, então: corre um atrás do outro, rodá o cavalleiro em torno á dama, e inversamente, trocam-se acenos apaixonados, que traduzem a mais delirante paixão; sendo tudo isso animado pelo bater das mãos de outros gitanos e gitanas, sentados ao redor, em circulo, os quaes attingem ao delirio quando o par dansante executa com agilidade e « salero » os passos da malagueña.

Vi, mediante uma peseta, as cavernas, que constituíam o principal objectivo de minha visita. A entrada é por uma porta estreita, de madeira, praticada na face do penhasco, a qual abre directamente para uma cozinha, em que a chaminé sáe por uma abertura em cima do rochedo. Notei nas paredes umas pinturas rudes, de vivas côres, sobre as quaes descansavam numerosos utensilios de cozinha, além de copos, porcellanas e terrinas de varias dimensões. A extraordinaria limpeza me impressionou, porquanto não a achava em relação com as roupas dos ciganos. A cozinha communicava com um quarto de dormir, sem ventilação, onde n'uma cama grosseira, de páo, havia cobertas de lã, mas nenhuma roupa branca. Outra peça, nas mesmas condições, igualmente aceiada, era contigua ao quarto.

Quando os meus olhos deslumbrados viram a luz do dia, pedi ao cicerone que me fizesse visitar outra casa. Elle hesitou, dando-me como boa razão o facto de serem habitadas por insectos pouco hospitaleiros, que recebem os visitantes com agudas manifestações de entusiasmo. O meu guia, desculpando os bichinhos, attribuia á fome esse procedimento pouco cortez.

Não me dei por vencido; e com o auxilio de pós da Persia, a que os alludidos animalejos votam um sentimento de horror, que attinge ás proporções do desespero, penetrei em outra caverna.

Era a mesma cozinha, menos guarnecida; eram as mesmas peças, que só recebiam a luz meridiana pelá porta estreitissima; mas, como ornamentação, só vi dois bancos e umas gravuras rusticas. Junto á cozinha, uma peça complementar, sombria, encerrava um carneiro e um jumento... Respiravamos mal. Não obstante a pequena demora na segunda caverna, pude veri-

ficar a ausencia completa de limpeza, e d'isso conservei olfativamente uma impressão por demais duradoura.

Observei ao guia a differença sensível entre as duas residencias. O enigma não encerrava tão complicada solução, como a principio pude suppôr: a primeira casa, não habitada, era apenas destinada a satisfazer, a titulo de modelo, a curiosidade dos forasteiros.

Os ciganos de Granada, quando se entregam a



Typos de ciganos.

alguma tarefa, o que, aliás, raramente acontece, fazem rudes esculpturas, como se vêm nas lojas da cidade, ou se dedicam a trabalhos de aço e estanho, sendo as suas forjas fóra das cavernas. Á noite, á luz dos archotes, quando malham o ferro, offerecem á distancia, contemplados das muralhas de Alhambra, um espectáculo grandioso e impressionante.

E a despeito de seus vicios, máo grado os aspectos pouco attrahentes que se lhes pódem notar, constituem uma raça grandemente pittoresca, os bronzeados e indolentes ciganos de Granada.

MARIO SALVATI.



O FUGITIVO

Rei? Com certeza. Sobre espadas desembainhadas e sob o olhar apagado d'um grande Christo de prata, os grandes e os Homens-bons haviam-lhe jurado fidelidade, e um grave personagem mitrado, escorrendo-lhe da dalmatica choros de pedrarias, como um incendio de joias astraes, lançara-lhe uma benção das pontas magras dos dois dedos levantados, e sobre a sua cabeça collocára a corôa d'oiro em que gemiam rubins, em que cantavam esmeraldas e as turquezas murmuravam, como um regato claro, a epica corôa que se vira coberta de gloria por vinte reis da sua dynastia, mandada fabricar pelo primeiro d'elles, Golfango « o Taciturno », cuja lenda, crivada de morticinios sangrentos, enchia ainda de pavôr, como uma catastrophe, a face da Terra.

Rei, com certeza. Era em seu nome que os Arautos, após a voz febril e febricitante das compridas trombetas, declaravam ao povo submisso as ordenanças novas. Era em seu nome que os juizes lavravam nas praças publicas, sob um velarium, onde se estendia a figura da Justiça, as venerandas sentenças; em seu nome iam as doiradas embaixadas, no estrepito dos cavallos rapidos, aos paizes distantes, receber de tributarios reis madeiras preciosas, lucido pó d'oiro, odres de pedrarias e as resinas exquisitas que ardem nas trabalhadas e luzentes caçoilas; com a sua figura corriam as novas moedas. Era elle, emfim, que os peões saudavam, joelhos em terra, enlameando as tunicas, quando passava, ao trote dos cavallos brancos, numa biga reluzente ao sol claro, pelas compridas avenidas que cortavam a cidade.

Rei, sim! Mas irrisorio rei, que percorria as enormes salas do Palacio, onde as aias eram bellas como rosas, e os camaristas pareciam uma constellação, pelo brilhantadas tunicas, que cahiam no tapete em pregas duras como as d'uma estatua de madeira, sem encontrar uma taboa em que firmasse o pé, um ladrilho que o supportasse para respirar á vontade o ar vivificante que de fóra vinha, das quinhentas janellas que o palacio abria sobre os campos e sobre o rio!

Que irrisoria vida de rei, a sua! Não poder sentar-se, não dar um passo, sem vêr que *existia!*

SEI! Terrivel coisa! Não poder desprender-se de si mesmo, fugir para longe, para onde não houvesse noticia d'um fero rei Othão, monarcha d'um paiz immenso, maculado por mil batalhas e por mil sedicções, em cujas forcas e baraços baloiçavam continuamente corpos nus d'enforcados. Poder fugir de si! Murar como se mura um criminoso em uma cella estreita e mortifera o seu proprio Passado, a sua existencia, e começar uma vida sem raizes, livre das cadeias que o prendiam, invisiveis correntes que as suas adagas não cortavam, ao Passado proximo, ao Passado remoto, e que rebentariam em novos factos, que produziriam outros, fariam nascer

gestos e palavras, não impregnados da sua Alma, que elle, Othão, rei vencedor de mil combates, a quem os Povos cognominavam « o Fero », queria que desaparecessem.

Experimentára já em batalhas renhidas onde as lanças fazem voar capacetes e as espadas chocam os broqueis num riso claro, esquecer, fugir de si; mas em cada cullada que dava, via o producto da experiencia antiga: o golpe d'hoje era irmão ou filho do golpe d'hontem.

As phalanges que se moviam de lanças empunhadas a brilharem, como uma floresta d'aço, eram as mesmas que hontem se tinham movido em campos diversos, mas em condições identicas, sob o mesmo céu eterno, illuminado pelo mesmo olhar barbaro do Sol.

Se a existencia não era outra coisa senão o confronto do Hoje com o Hontem, cuja somma ou cujo producto — quem sabe! — produzem o Amanhã!

Tudo a mesma coisa! Não conhecia maneira possivel de libertar-se de si proprio, como que quebrar o envolvero abstracto do Eu, a fórmula, a crystallisação ideal, e fugir áquelle amago, plasma de toda a vida, anonymo, amorpho, como um liquido, que é abraçado, rodeado, apertado, pelo vaso que o contém e que fórmula vae adquirindo, como esse crystal que as circumstancias, pesadas molles que o destino roda, creando a Vida e dando a Morte: — transformando eternamente as coisas e as apparencias.

Convencido de que os Aspectos não o fariam esquecer, quiz exilar-se de si, fugindo para dentro da sua Alma, num recanto obscuro, todo rodeado de sombras, onde viveria avassallado pelo Torpor.

E assim atravessava as salas interminaveis de recuados tectos do palacio, que brilhava ao sol, nas suas quinhentas janellas, golpeadas no marmore branco, como os dedos esguios da Rainha, cercados d'anneis, como os braços finos da Infanta, apertados em manilhas, como o rosto enrugado da Rainha-mãe, cravejado, tal o mostrador d'um ourives, de gemas orientaes, fulvas como olhos de bestas feras.

De vez em quando, porém, abria-se o mysterio d'um espelho. E o rei Othão via-se. Toda a sua vida se desenhava na fronte cortada de rugas, tal a folha secca no outomno. Cada gesto que fizera, fóra uma enxadada para abrir aquelles sulcos. A historia do gesto fóra impressa na face austera de guerreiro — e na Alma tambem — em vincos fundos, como essas inscrições stellares, que veem atravessando os seculos, desde as mais remotas antiguidades egypcias. Recolhera-se naquella cella estreita, aonde se fizera conduzir pelo Torpor. Mas eis que uma porta se abre e entra a vida num turbilhão, essa vida, a que elle queria fugir, sinistro phantasma que persegue, como uma sombra, os que tentam evadir-se.

Lembrou-se então de fugir para os campos. Na paz luminosa e terna das paizagens, esquecer-se-hia do tu-

multuar dos sentimentos, das actividades que se agitam e dos desesperos que se contorcem, como cardos.

Não era que elle tivesse qualquer crime negro de que esconder-se, algum incesto torpe ou uma traição nefanda: batalhara o bom combate sob claros sóes e a descoberto, chacinando sempre; e o seu Amor fôra um unico, o d'essa rainha hieratica como uma estatua archaica, com as seduções da grande Arte. O que sentia, pobre rei aniquillado, senhor de vastos esquadões e de cidades bellas e de invenciveis castellos, era o remorso de ter sido inutil, o tedio de si mesmo, d'uma vida passada no aniquillamento, sem ter deixado fugir pelas janellas que a Alma abre no corpo, sobre a vida, um gesto que fosse immortal, que sobrevivesse ao tempo, abarcasse os espaços planetarios na luz da sua importancia decisiva. Ferira batalhas, é certo — os despojos dos inimigos attestavam o poder dos seus exercitos — mas o que são miserias contendidas entre povos vizinhos, se o resultado não vae dar ao mundo um novo aspecto, lançar nas consciencias humanas um fulgor que d'antes não brilhara, incendiar os corações nas variadas partes onde existem homens.

A batalha de Marathon fôra decisiva: o genio hellenô avassallou a civilização asiatica; mas as suas guerras, pelos resultados, eram apenas escaramuças.

E esse remorso—esse tedio—perseguia-o, envolvia-o, insinuava-se pelos mais escuros recantos da Alma.

Fugir! Queria fugir da sua vida antiga, desprender-se, como um navio que larga um porto inhospitaleiro, para nunca mais voltar, do Passado, de si proprio, d'essa inutil somma d'actos inuteis, que formavam a sua vida.

Deixou o seu palacio, onde as rainhas e infantas choraram como repuxos a julgada insensata partida, e foi, cuidando ser simples e ingenuo como a flauta d'um pastor, descobrir um céu menos agreste, que o acoitasse, onde podesse crear novos gestos e novos actos, sem a mais remota correlação com os antigos.

Como é boa a floresta! Ha largas sombras, pesados silencias que são ligeiros á Alma, e uma grande paz nas coisas que acalma os corações. As aguas passam ligeiras, como sombras d'aves, num canto crystalino e sorridente.

O rei Othão deixou os recantos mysteriosos, feitos de claro e escuro, como um quadro de Rembrandt, e foi espreitar a agua. Olhou: uma fita d'agua corria unida, sem saltos bruscos de cascatas, abrindo-se como collos, ou apertando-se em gracilidades de gargantas. A principio só viu nas aguas filas de salgueiros na festa apri-lina das suas folhas novas. Como em cima, no fundo da corrente as ramadas abraçavam-se, saudavam-se, riam. Tudo era ingenuo e festivo, como uma primeira communhão. Avançou, olhou mais, quiz vêr de perto as pedras que brilhavam no fundo. Parou, de terror. Immobilisou-se, na agua, um rosto vincado, que elle conhecia; essa figura trazia-lhe uma ideia d'um terror que o sacudira. Como um medroso que vê ao dobrar um cotovello do caminho a figura d'um perseguidor, Othão recuou.

Na agua recuou, mais vincado ainda, o olhar mais turvo, o Rosto.

Ah! Descobriria! Era ELLE! A propria figura a perseguil-o! A calma d'um instante não fôra senão uma cilada. No campo como no palacio, na floresta como na rua, elle proprio a perseguir-se, a apunhalar-se—como a sombra a torturar aquelle que a projecta!

Então, como o animal perseguido por caçadores ar-teiros, correu, doido, pelos campos onde cresciam giestas e maias.

Fugiu. Saltou vallados e morros. Atravessou longas planicies, molhou-se nos ribeiros, e, já extenuado da correria, sentou-se, ao cahir da tarde, no sopé d'um monte, a chorar.

Dormiu; até o somno entrou a tortural-o, a raspar-lhe a Alma, com o horrivel d'uma faca a riscar um mar-more polido. Mostrou-lhe o Sonho, como num panorama, cada um dos factos de sua vida, cada gesto gerando um novo gesto, a successão das ideias e dos sentimentos, a logica d'essa corrente em zig-zagues, cambaleando, sinuando, como o talhe d'uma cobra a fugir.

Mostrou-lhe o sonho; e quando acordou e viu-se em frente d'esse sonho, que era uma realidade, reco-meçou a fugir, como se podesse deixar atraz de si o *Eu*.

A succumbir de fome e de cansaço, parou á porta do seu palacio; não o reconhecendo nos andrajos, um archeiro sacudiu-o com a ponta da lança.

Para os outros, mudára, era um desconhecido, um novo. É que os reis não teem uma corôa luminosa, como os santos das lendas, por onde se reconheçam?

Não? Então porque veria elle sempre a sua vida, a sua alma, cada vez que abria sobre a Alma os olhos avidos de cegueira?

E enraivecido, olhou para o soldado. Então este reconheceu, no torvo d'aquelle olhar, a Alma torva d'Othão, « o fero ». E de joelhos, as mãos postas em supplica, a querer beijar o pó e a lama da fimbria da tunica, deixou-o passar.

Quando souberam da chegada do glorioso monarcha, quizeram festejal-a a Aristocracia e a Plebe; um camarista, porém, que o viu, sentiu gelar-se-lhe o enthusiasmo ao considerar o taciturno aspecto d'Othão.

Mais torvo ainda — o seu olhar era baço como a pupilla d'um morto — mandou construir no isolamento d'um grande parque com verdes lagos envenenados, onde boiavam ao sol e ao luar, os corpos dos cysnes mortos, uma torre altissima, negra no cimento e no granito, como essa Torre do Diabo, de que fallam algumas lendas frankas.

Subiu a essa torre a querer isolar-se do mundo, julgando exilar-se de si tambem. Beijou a bocca fria da esposa, apertou-lhe o peito branco e lá foi, o pranto nos olhos, para a alta torre d'onde dominava, tal um deus, os campos e as cidades.

Outra vez, tentou esquecer-se até que um dia, afa-gando-o o Torpor, esqueceu-se da Vida e de si, adorme-ceu numa inconsciencia idiota. Como o quarto fosse es-

treito e não pudesse passear, as horas arrastavam-se, como um aleijado por um monte aspero e elle sentado numa posição asiatica de boudha, tinha os olhos apagados como as janellas d'um palacio visitado por Apparições.

Já passára, sobre aquella sombra de vida, um inverno aspero que desprende os phantasmas que rodam quando ha vendaval, distribuindo medos, arrancando arvores, assobiando pelas frestas e derrubando casas.

Um dia, o sol a rir-se na manhã doirada, entrou pelo quarto estreito, trazendo lá de fóra uma mancheia de vida, um aroma de flôres novas, d'antigas terras novamente fecundadas.

E o sol, batendo nelle, imprimiu no soalho a sua sombra. Desenhou-se o seu perfil duro de legionario latino : Othão estremeceu : é que o Remorso fóra arrancal-o d'esse sepulchro em que o torpor o mergulhára, para fazel-o assistir á representação d'aquelle drama em que era actor elle proprio, o Eu já morto e escondido, enterrado bem fundo.

Ergueu-se em toda a eminencia da sua estatura. Aterrado, pela janella em que entrava o sol rindo ingenuamente, considerou as arvores verdes nas folhagens novas, os lagos que abriam a curva das suas margens, onde brincavam patos, o rio que passava, levando a

sombra esguia dos choupos. Tudo era novo e tudo vivia uma vida infantil. Tinha-se retemperado na Morte, a Vida. Só elle sentia as mesmas chagas a apodrecerem a mesma carne, apesar d'aquelle morte em que vivera um longo inverno ! Para que fugir, dentro da vida, á vida, se ella o não largava, com os gumes afiados, roda de navalha a rasgar-lhe a alma, a abrir feridas em todas as lembranças ?

— Ah ! se eu morresse, como morrem as arvores, como seccam os ribeiros, como morre o sol ! ? Renovar-me-hia, resuscitaria num novo rei feliz, moço e ingenuo como era d'antes, misturando-me aos folguedos, rindo e bebendo, em copos transparentes de cortezãs, um vinho loiro sabendo a boccas beijadas, mas boccas novas e deliciosas ! Morrer, ir para outra vida viver longe dos ferros das batalhas, n'algum paiz de nymphas e de faunos, de céu tranquillamente azul e de lagos silenciosos, onde voariam ibis de plumagens bellas.

Outra vez olhou os campos loiros de espigas nascentes, beijados por papoilas e debruçando-se na janella, fugiu de si, fugiu da vida, pensando talvez numa existencia futura florida de cantares e de risos faceis.

HENRIQUE DE VASCONCELLOS.





O CARNAVAL DE LISBOA

INSTANTANEOS DE ARNALDO FONSECA

O nosso collaborador e distincto photographo Arnaldo Fonseca enviou-nos de Lisboa numerosas instantaneos de typos e aspectos do carnaval de Lisboa. A falta de espaço obriga-nos, porém, a dar apenas alguns dos mais curiosos, ou mais typicos, d'esta curiosa colleção de clichés, em que mais uma vez se revela o gosto artistico e o incomparavel *savoir-faire* de Arnaldo Fonseca.



De volta do cirio — Trajes de Camponезes.



Um « Chéché ».



O saloio e a saloia.



Um carro « réclame ».



Um saloio.



Velhas de capote e lenço.



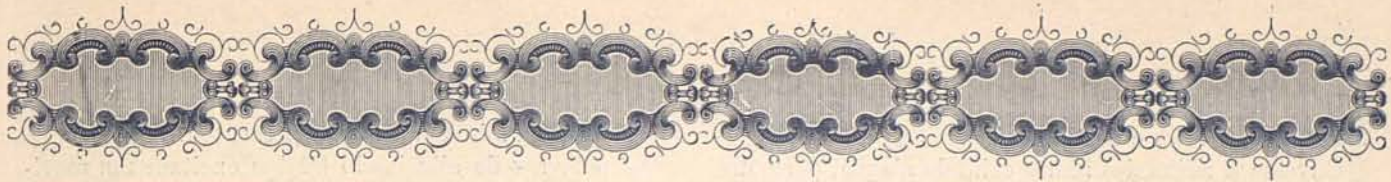
Dança da lucta. — Os exercicios gymnasticos.



Dança da lucta. — O ballado.



Dança da lucta. — O peditorio.



Quadros e Figuras do seculo XVIII em Portugal

(DE UM LIVRO INEDITO)

Em torno da Familia Real e dos appendices mais proximos, taes como o ministerio, o confessor, etc., reune-se uma côrte ainda brilhante, apesar dos golpes com que a mutilára a mão implacavel do ministro de D. José.

Os Duques de Lafões e de Cadaval, os Marquezes de Angeja e de Marialva figuram entre os primeiros; e ao pé d'elles enfileiram-se opulentos titulares, marquezes, condes, viscondes, na posse de gloriosos nomes tradicionaes, e representando todos antigas casas, ainda não decaídas da sua primitiva opulencia e grandeza, que contribuiam para dar á vida palaciana um tom de tradicional magestade hoje perdida.

Era celebrada a hospitalidade portugueza; mesmo entre os que mais acremente censuravam os nossos feitos de raça.

À mesa do Marquez de Marialva, um dos mais lindos typos de fidalgo, um dos mais perfeitos exemplares de velha nobreza, especie de patriarcha universalmente querido e respeitado desde o Paço Real até á rua, e que durante o proconsulado pombalino fôra o desvelado protector de todos os fracos, logrando muitas vezes alcançar a clemencia régia para os mais ameaçados pela colera do ministro; á mesa do Marquez de Marialva assentavam-se quotidianamente dezenas de convivas; das cozinhas do seu palacio saiam por dia *trezentas* rações distribuidas entre a plebe parasita da capital; o pateo cheio de seges, de estrumes, e de lacaios, lembrando no dizer malicioso de Beckford, um pateo de mala-posta, conduzia ao celebre picadeiro, onde o velho marquez se divertia em assombrar os amigos com os prodigios da sua destra e famosa equitação.

Subia-se d'alli para os vastos aposentos, onde uma quantidade enorme de relógios — engraçada mania do marquez — marcavam em gentis minuets, ou em figurações engenhosas, as horas que iam passando alegremente, ora a vêr as curiosidades da India e da Italia, que cobriam as mesas ricamente envolvidas em damasco e velludo vermelho, ora a escutar as agudas notas da voz de Polycarpo, um dos primeiros tenores da capella da rainha, que se acompanhava a si proprio tocando harpa, e que deliciava os ouvintes com essa arte admiravel, que foi o culto artistico, quasi exclusivo, do nosso seculo XVIII.

De vez em quando, uma porta, que se abria, logo fe-

chada, deixava entrevêr nas salas interiores uma adoravel figura de mulher, de olhos languidos e feiticeiros, olhos de portugueza a quem um grupo de creanças cercava como grinalda de flôres vivas, e que trazia á memoria do erudito estrangeiro que porventura a lobrigava rapidamente, uma esplendida allegoria de Rubens ou de Veronese (Beckford).

Para a grande sala dos banquetes, em dia de mais pomposo ceremonial, as pesadas travessas de prata cizelada em que lourejam os leitões e as grandes peças de caça, são trazidas por um longo sequito de escudeiros e capellães, no peito de muitos dos quaes brilha a cruz de Christo ou de Aviz. Este modo de ser servido á mesa tem um ar inteiramente feudal, e transporta a imaginação dos estrangeiros para os dias do passado, em que os chefes guerreiros são servidos como reis pelos nobres seus vassallos.

Um dia no fim de um d'estes banquetes, a que se assenta um grupo da mais fina flôr da nobreza de Portugal, correm todos a ouvir um missionario, que reconta terriveis milagres, em que a colera de Deus e a sua vingança se manifestam medonhamente. A Marqueza, os filhos e as filhas escutam com anciosa avidez a historia milagrosa e terrivel. Ninguem se atreve a pedir luz, e a voz do missionario continúa tragica, cavernosa, fallando das coleras divinas e dos tremendos castigos do Eterno... Assim o banquete da vida portugueza de uma tão naturalista alegria foi interrompido pela apparição do livido fanatismo, e o seu riso de caveira paralysoou todas as nossas energias, e o seu sôpro esterilizador queimou a vasta seara das nossas esperanças que verdejava ao sol de Deus.

* * *

Com essa tremenda superstição das cousas sacras, que tão funesta impressão exerceu no espirito da nossa raça, conciliava muita vez a fidalguia, não só os mais soletos costumes, mas o mais risonho paganismo christão e o mais desenfreado carnaval de alegria. E senão vejamos esta scena caracteristica.

Pelos terraços do palacio Marialva, onde metade da familia está occupada em rezar ladainhas e terços e outra metade a tocar á guitarra as voluptuosas modinhas

que Beckford adorava, brilha de repente a luz tremula e fugaz dos archotes e das lanternas.

Ouve-se a bulha dos remos cahindo n'agua, perto das varandas que dão sobre o Tejo, e de um escaler de cincoenta remadores que aprôa ao cães, são o velho fidalgo acompanhado do filho D. José e seguido por uma multidão extranha e pittoresca de musicos, de poetas, de toureiros, de lacaios, de frades, de anões, de nêgros, de creanças de ambos os sexos phantasticamente vestidas.

Vem de uma romaria ao altar de um santo que fica da outra banda do Tejo. Rompe a marcha um corcundinha anão, soprando uma minuscúla trombeta; ao corcunda segue-se um figurão alto, velho, desazado, gingão, que se pavoneia muito contente no seu uniforme vistoso, e que já em não sei qual ilha remota, fez o papel de governador. Um frade de catadura feroz, mais alto do que Sansão, dois capuchinhos carregados com cestos enormes de mysteriosas provisões, vêm logo atraz.

Apparecem em seguida dois typos não menos característicos: um boticario esguio, esgrouviado, esqualido, cadaverico, e trajando luto pesado; e uma especie de improvisador meio pateta, o bobo indispensavel ao fidalgo portuguez, que atira versos destemperados e quadras sem nexos, aos curiosos que acodem de dentro do palacio ás varandas para assistirem ao desfilar da extranha, da pittoresca procissão, cuja rectaguarda é ainda composta da turba-multa gritadora dos barqueiros e dos creados acarretando gaiolas de passaros, lanternas, cestos de fructa, ramos de flôres, não sabemos que mais!

Vê-se bem que vida intensa, ainda então peculiar á raça portugueza, apesar de toda a sua triste decadencia, se traduzia n'este voltar da festa tão pittoresco, tão alegre, e tão doidamente ruidoso!

* * *

Ao lado d'esta casa de fidalgo portuguez, em quem as tradições antigas têm uma preponderancia accentuada, os Penalvas mais cultos, mais letrados dão ás suas festas um cunho de arte cosmopolita.

Na capella tocam-se as musicas mais escolhidas; na livraria aberta ostentam-se as mais raras e mais antigas edições de classicos portuguezes e antigos; quadros da escola italiana e flamenga enchem as paredes dos vastos salões; flôres exóticas e flôres dos nossos jardins enfeitam os jarrões antigos da India e do Japão; as senhoras não apparecem, é certo, mas os academicos, os artistas de mais nota, as illustrações de todo o genero trocam alli em conversação animada, ideias que vêm lá de fóra e começam a captivar os espiritos mais cultos da nação.

No meio da festa, em que fraternisam os homens da intelligencia e os homens da nobreza sob o tecto hospitaleiro dos marquezes de Penalva, travam-se aqui e alli conversações parciaes, confidencias a meia voz...

O conde de S. Lourenço conta animadamente a sua viagem á Italia, as impressões de arte que alli colheu, os cardeaes com quem conversou...

O estrangeiro que attentamente o escuta, mal sabe que a longa clausura da Junqueira determinou no cerebro do nobre prisioneiro a allucinação que consiste em julgar ter vivido uma vida inteira cheia de viagens, de sensações, de prazeres completamente imaginarios...

Passa d'alli para narrar a sua estada no congresso d'Aix-la-Chapelle, a missão que alli representou...

As palavras do allucinado fidalgo excitam um movimento de sympathya piedosa em quem o escuta. Foram os tratos da prisão que lhe causaram aquella extranha perturbação mental.

O cerebro soffre; o orgulho, o bello orgulho de raça, esse ninguem lh'o pode amortecer. Ha poucos dias atirou para o logar mais recondito e mais secreto do paço com a sua chave de camarista, julgando-se mal recebido pela rainha. Não é vulgar tamanho desprendimento n'esse tempo de vil subservencia ao capricho do monarcha.

O Conde de Villa Nova, futuro Marquez de Abrantes, tem como S. Lourenço uma mania, mas muito menos interessante.

O seu gosto mais violento consiste em vestir opa vermelha e andar atraz do Santissimo, de campainha na mão. Não ha namorado tão cioso da sua bella, como Villa Nova da sua campainha. Não admite que outro lhe toque; que mão profana a faça vibrar. As parochias que cercam o seu palacio, nunca deixam que o sagrado viatico seja conduzido a qualquer enfermo sem previo aviso feito a Villa Nova, que abala pressuroso a empunhar a vibrante campainha. E agita — a cheio de convicção, ou seja noite alta, ou faça frio de gelar os ossos ao mais intrepido, ou caia a pino sobre a cabeça dos transeuntes o sol do nosso ardente meio — dia de Julho, ou elle tenha de subir aos ultimos andares de um miseravel casebre, ou de descer ao covil subterraneo da mais immunda miseria.

Alli no meio da festa, Villa Nova volta anciosamente a cabeça a cada movimento desusado, com receio de que hesitem em transmittir-lhe o aviso que por ventura lhe seja enviado das duas, ou tres parochias de que elle é humilde servo e sacristião officioso.

Quem é aquelle velho elegante, affectado e garrido, com ademanos e donaires de pisa-flôres, carmin nas faces, e moscas sublinhando o sorriso intelligente e o agudo olhar brilhante?...

É o Duque de Lafões, o fundador da nossa academia, um typo de *grand seigneur* cosmopolita — á maneira do Principe de Ligne seu contemporaneo e decerto seu amigo — que durante o reinado de D. José se conservava longe de Portugal, viajando na Europa, brilhando nas côrtes de Versailles e de Vienna, conhecido de toda a alta sociedade européa como *duque* ou *principe* de Bragança, convivendo com reis e com poetas, com artistas e com princezas, com homens de gosto e homens de Estado, com dandys e com pensadores...

Para se saber como elle patrocina as artes, basta apontar o que elle foi entre nós para o abbade Correia da Serra e mais collegas seus da academia; o que foi em Vienna para o nosso abbade Costa, de que mais tarde fallaremos e para Gluck, o famoso compositor, o character intratavel que lhe consagra a partitura da sua opera *Helena e Paris*, com uma dedicatória que faz tanta honra á fina intelligencia aberta e penetrante do duque, apta a comprehender e estudar estas questões de arte, de uma subtileza tão delicada, como ao grande artista que n'ella formula todo um programma de esthetica, hoje realisado e então entrevisto apenas.

Citarei algumas palavras d'essa dedicatória.

Queixando-se da incompetencia e da audacia da critica do tempo, que condemna o methodo do compositor sem sequer se penetrar dos principios que a elle presidem, Gluck conclue d'este modo :

« Julgaram-se auctorizados a pronunciar-se acerca de *Alceste* depois de ensaios mal dirigidos e peor executados; calcularam n'uma sala o effeito que a opera produzira n'um theatro; é com a mesma sagacidade que em uma cidade da Grecia quizeram n'outro tempo julgar, a alguns passos de distancia, o effeito de estatuas esculpidas para serem collocadas sobre columnas altissimas.

« Um d'esses delicados amadores que concentram a alma inteira nos ouvidos, achou uma aria demasiado aspera, um trecho em extremo accentuado ou *mal preparado*, sem conhecer que *dentro da situação em que estava* essa aria, esse trecho era o sublime da expressão e formava o mais feliz contraste. Um harmonista pedante nota uma negligencia engenhosa ou um erro de impressão e apressa-se em denunciar um e outro como peccados irremissiveis contra os mysterios da harmonia.

« É certo que não são mais felizes as outras artes, e que não é para ellas a critica nem mais justa nem mais esclarecida, Vossa Alteza adivinha facilmente a razão d'isto. *Quanto mais se procura conscienciosamente a perfeição e a verdade, mais necessarias se tornam na arte a precisão e a exactidão...* »

Vê-se, por este bello trecho que não amplificámos mais por não ser o ensejo opportuno, como entre o duque e o grande mestre revolucionario deviam ser frequentes e familiares as relações artisticas; vê-se como o *máestro* confia na intelligencia critica do fidalgo e que estreita communhão de ideaes havia entre um e outro.

O duque voltára a Portugal depois de ter saboreado lá fóra o que tinha de mais requintado a civilisação e a alta cultura das primeiras capitães do mundo. Tentára transplantar para qui alguma cousa do muito que admirára e vira, e de feito, é a elle que se deve a fundação da Academia e a protecção generosa e intelligente aos trabalhos de naturalistas e de sabios seus contemporaneos.

Ao lado d'esta figura de uma tão alta e tão refinada elegancia, que póde bem equiparar-se á de um Richelieu, á de um principe de Ligne, á de um dos muitos que lá fóra reuniam aos privilegios herdados do nascimento as graças adquiridas n'uma cultura variadissima e n'uma educação dada pelos centros mais esplendidos da vida intellectual — a sociedade portugueza do tempo offerece-nos uma infinidade de outras figuras secundarias, que se destacam ou pelo ridiculo ou pelas affectações caracteristicas do seu papel social.

Monsenhor de Aguilar, conego da Patriarchal, um personagem do tempo, apparece saltitante, chilreador, e murmurando a ouvidos indulgentes segredos *voltaireanos* contra a Igreja catholica, de que vive e que explora.

A influencia fradesca imprimia em Portugal o sello de ignorancia beata... A plebe, dissoluta e soez, adorava as procissões que contentavam as suas moderadas exigencias estheticas e religiosas, e acudia fremente e douda de entusiasmo ás touradas, onde o seu amor, o seu culto de força era brutalmente acariciado. Não precisava de mais nada para ser feliz.

A nobreza, essa, livre do jugo de Pombal, reassumia a arrogancia antiga; governava no paço e nas secretarias do Estado, cuidava em manter o povo na ignorancia que

o tinha curvo, submisso, deante dos seus abusos e caprichos; e discutia seriamente os milagres de varios santos e as tricas engenhosas de Belzébuth...

Beckford a proposito conta a historia da conversão de uma velha ingleza tísica, cujo corpo é levado á sepultura pelas mãos patricias de Assecas, S. Lourenço, Marialvas, etc., todos extasiados pelo milagre d'essa conversão inesperada, emquanto Acciaoli, o nuncio, esfrega as mãos de contente, dá estalinhos com os dedos e faz figas ao diabo, lançando-lhe em rosto o roubo da alma da velha ingleza que o cão tihoso já julgára ter nas garras... « Feliz ingleza! exclama um dos do nobre sequito. No outro mundo teve entrada no paraizo e n'este teve a subida honra de ser levada á cova por homens de alta nobreza! Onde houve já ventura assim? »

É verdade que debaixo d'esta phraseologia ócca e piegas, a historia secreta tem mil anecdotas typicas dos costumes do tempo, que não condizem com tamanho zelo pelo culto sagrado... Mas a Igreja é cheia de mansidão e indulgencias; os mosteiros como o de Alcobaca e outros, regorgitam de quanto a abundancia tem de mais pantagruelico e a sciencia da vida de mais requintado e commodo.

Não ha onde melhor se coma e onde mais voluptuosamente se saboreie o lado material da existencia, como n'esses retiros em que a carne devia ter-se espiritualizado até ao renunciamento absoluto e ao sacrificio supremo de tudo. Tanto o contraste entre o que se pratica e o que se préga é frisante n'aquella epocha...

O padre Theodoro de Almeida revira os olhos, faz esguares hypocritas e visagens devotas, e pronuncia discursos seraphicos, que o inglez um pouco sceptico, de onde colhemos estes quadros, classifica de *first rate of hypocritical cant*.

Não é possivel nomear cada uma das figuras que desfilam deante do nosso olhar, photographadas em flagrante realidade pelos observadores do tempo. São os adulaadores flexiveis, subtis, malleaveis, com mencias de reptil e graças serpentinas; é a anãzinha Rosa, garrida e sentimental, acompanhando a Rainha, que morre por ella, para todos os lados, e fazendo parte integrante da cõrte que não ousa rir-se d'aquella anomalia; é o hobo João da Falperra, esgueirando-se habilmente por todas as portas que encontra abertas e inspirando ao conhecido *leigo* do arcebispo de Thessalonica, tão famoso pelos epigrammas e agudezas, este dito tambem famoso :

« Na cõrte penetram facilmente homens de merito superior, santos e bobos. Os primeiros desaprendem logo tudo que sabem; os santos fazem-se martyres; e os bobos são os que unicamente prosperam! »

Os fidalgos moços adoram a convivencia do baixo povo, deante do qual se sentem á vontade, sem que a propria ignorancia os humilhe. Ha nas ruas de Lisboa serenatas e guitarradas, em que os filhos das primeiras casas acompanham os seus creados e amigos d'estes; o Conde de Villa Nova abre na noite de S. Pedro á multidão da capital, os seus jardins illuminados com lanternas venezianas e no baile que desenrola sob as arvores a sua desenfreada alegria de *kermesse* flamenga, os herdeiros de casas principescas misturam-se jovialmente com a escuma das viellas e beccos da cidade.

É pittoresca, animada, caracteristicamente nacional esta vida, mas falta-lhe a espiritualisação a influencia

da mulher, então menos que nulla, e a cultura geral que é deficiente e incompletissima. Ha homens de primeira classe talvez, mas segue-se-lhes logo sem intermedio algum a massa ignorante e brutal, onde não penetrára ainda um raio de luz civilisadora.

* * *

A castidade da Rainha não permite que uma unica mulher pise as taboas do proscenio. Depois da quadra luxuosa e pomposissima em que a historia do theatro portuguez, no dizer curiosamente documentado do eminente escriptor Theophilo Braga, excede em grandeza a dos melhores theatros do mundo e tem ligado á sua fama o nome dos mais celebres architectos como Simão Cæetano Nunes e Ignacio de Oliveira, dos melhores pintores e scenographos como Servandoni, disputado á cõrte de Portugal pelas cõrtes de França, Inglaterra e Polonia, Bibiena, Azzolini, de compositores como Cafarelli e Gizziello — depois do curto mas extraordinario esplendor dos representações da *Opera do Tejo* ou *Theatro dos Paços da Ribeira*, reduzido a ruinas pelo terremoto no proprio anno em que D. José o tinha mandado executar pelos artistas mais brilhantes do tempo e onde, sob a direcção do maestro napolitano David Perez, cantaram os *Castrati* mais celebres, um dos quaes foi apresentado por el-rei depois de executar uma *cantata* de Jomelli (com uma gallinha de oiro cercada de vinte e quatro pintainhos tambem de oiro), depois d'esse periodo de luxo, de extravagante luxo artistico, que tão pungente contraste faz com a miseria dos tempos e dos povos — o theatro nacional sob o reinado de D. Maria tem apenas, para encarnar as suas creações mais ideaes, alentados mocetões de faces azues da barba, que declamam em grossa voz avinhada as suas queixas de amores ou cantam em antipathico falsete as suas arias e motetes. Noiva gentilmente envolta em véus virgines; princeza viuva coberta dos crepes do seu luto; joven namorado fugindo á cubiça de um velho tutor libidinoso; donzella de regio tronco perseguida pelo odio de um tyranno feroz; Andromaca ou Iphygenia; Zaira ou Ignez de Castro; Hedéa ou a *Esposa Perssana*; todas as heroínas da tragedia ou do melodrama, da comedia ou da opera têm fatalmente de ser representadas pelos mesmos latações membrudos, de athletica musculatura e voz que em vão se esforça para ter notas aflautadas. A arte chegára a este apuro lamentavel, e depois de ter sido no tempo de D. João V e D. José decorativa, espectacular e cesarista, mais feita, é verdade, para o regalo dos sentidos do que para a educação da alma, eil-a que se tornava agora burlesca no aspecto e nas intenções...

Nos theatros da *Rua dos Condes* e do *Salitre*, frequentados pela alta aristocracia e n'um dos quaes a condessa de Pombeiro, loura, branca, diaphana, apparece uma noite, seguindo o exemplo que então davam a Rainha e todas as damas *du bel air*, acompanhada por anásinhas pretas, que no fundo do camarote sublinham com tregeitos e esgares comicos, mais, divertidos do que a peça, a mimica dos desgraçados actores, e dão uma especie de scenario africano á belleza do norte, aerea e fina da juvenil patricia portugueza; nos

theatros da *Rua dos Condes* e *Salitre* representam-se longas tragi-comedias *arregladas* do italiano e do francez, entremezes tambem copiados ou traduzidos, perdida a tradição do theatro admiravel de Gil Vicente e das farças e comedias do *Judeu* e de outros, em que a vida portugueza se retrata como n'um espelho ainda mal polido, mas já fiel em dar o contorno e a expressão.

Acabaram as noites febris da Cecilia Rosa, da Zamperini, das irmãs Pagnietti, da Todi, da Cecilia Aguiar; a *embeserrada* melancholia beata dos regios personagens distingue em tudo, até no divertimento que mais devia popularisar-se e do qual se podia fazer um elemento de educação e de civilisação. De vez em quando uma farça de Nicolau Luiz, os *Maridos peraltas*, o *Viajante*; uma comedia arranjada ou feita por Manoel de Figueiredo: o *Fidalgo da sua propria casa* o *Dramatico afinado*, a *Mulher que o não parece*, o *Passaro bisnau*; um entremez anonymo; *Phantasticas basofias*, *lograções e calotes de D. Harpia*, as *Desordens dos Peraltas*, os *Casadinhos*, o *Entremez da assemblèa do Isque*, de Leonardo Pimenta e Antas, e outras producções comicas genuinamente nossas, conseguem arrancar da entristecida e degenerada alma popular uma forte explosão de riso alegre e sadio. Mas são raras e abandonadas pela fidalguia da cõrte essas noites de gaudio plebeu e portuguez de lei, em que apparece a punição risonha dos ridiculos da moda, executada pelos comicos que sahiram do povo, e que a elle pertencem como o excentrico Nicolau Luiz.

Nos theatros regios continúa a tradição palaciana das operas e oratorios, umas portuguezas, como *Gli Orte Esperide* de Jeronymo Francisco de Lima como *Il Natale di Giove*, de João Cordeiro da Sylva, como *Angelica*, de João de Sousa Carvalho, o mestre de Marcos Portugal, outras italianas, de Piccini e de Perez.

Nos outros theatros, a gravidade sonsa e mazorra da Arcadia impunha á paciencia dos espectadores a longa e fastidiosa melopéa das tragedias, que a dubia erudição de Francisco José Freire arranca á pobre e desfigurada antiguidade, de que o seu seculo ignora completamente o espirito. E a *Medéa* e o *Edipo* de Seneca, a *Hecuba* de Euripides, *Iphygenia em Aulide*, o *Mithridates* de Racine, que Filinto traduz no seu portuguez pedregoso e durissimo, os *Scythas* e o *Mafoma* de Voltaire, e *Alexandre na India*, o *Tamerlão na Persia*, o *Pharamundo na Bohemia*, e as *Rigorosas leis da amizade compridas em Ohympiade* de Metastasio, a *Mais heroica virtude* ou *Zenobia em Armenia* do mesmo, e *Constantino o grande*, ou a *Ambição castigada por si mesma*, e o *Radamisto*, de Crébillon; são dezenas de tragi-comedias, de tragedias, de melodramas, em que a nota do fastidioso predomina atrozmente, em que os costumes portuguezes, a alma portugueza, o passado portuguez nunca ou rarissimas vezes transparecem.

O theatro italiano de Goldoni e Metastasio, o theatro francez do seculo XVII, Voltaire e Crébillon, a Grecia inteiramente desfigurada por traducções inhabes, eis o que alimenta o nosso theatro nacional, frequentado pela fidalguia ou patrocinado pela realza.

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.



A Tatuagem

AFFIRMA uma estatística que dez mil pessoas de ambos os sexos apresentam actualmente ostensivos signaes de tatuagem, o que significa que para a satisfação de uma vaidade mal entendida ou de uma phantasia extravagante, não têm ellas hesitado deante da dolorosa operação que, com finas agulhas ou com instrumentos mais ou menos delicados, perpetram tatuadores de varias nações do mundo.

Em epochas primitivas, quando povos barbaros injectavam no corpo uma decocção de tinta, era esse habito estrictamente relacionado com o rito religioso. Na Bretanha, segundo referem historiadores que viveram anteriormente á conquista dos Normandos, a tatuagem era um costume generalizado, ao qual ninguém se subtrahia, forçados todos, aliás, pelas exigencias da religião. Hoje, porém, se em certas regiões é ainda o preceito religioso que impõe essa ornamentação, em muitas localidades só é empregada a tatuagem por um requinte de elegancia ou por um capricho morbido. N'estas condições podemos citar notavelmente o Japão, a Gran-Bretanha, a America Central, Bornéo, Burmah, toda a Oceania, sem levarmos em conta os indios vermelhos da America do Norte.

Modernamente, a tatuagem, que primitivamente era grosseira e rudimentar, attinge á perfeição artistica em certos pontos e com especialidade na Inglaterra, Estados-Unidos, Burmah e Japão, sendo n'estes paizes bem raras as mulheres que se submettem ao doloroso processo; em compensação, porém, na ilha de Bornéo, onde a tatuagem tem um caracter muito original, as mulheres

são tatuadas nas mãos, nos pés, e no tornozello e desde a cintura até os joelhos; os homens, no entanto, — e só os guerreiros — trazem apenas um curioso desenho em cada hombro. E se algum europeu apresenta, após algum tempo de permanencia em Bornéo, esses signaes,

póde afirmar que mereceu dos indigenas a mais eloquente manifestação de respeito e de reconhecimento.

Nas ilhas da Rainha Carlota os Haidas são tatuados, sem excepção, adoptando cada familia signaes convencioneados.

Nas ilhas Marquezas os homens trazem o corpo coberto de pequenos pontos negros, que, aliás, não formam desenho; as mulheres têm analogamente a pelle pontilhada, porém a distribuição d'esses signaes é mais espaçada. É essa a differença unica estabelecida para os dois sexos.

Em Samos e nas ilhas immediatamente adjacentes, apenas os homens merecem a honra da tatuagem; em Fiji, entretanto, só as mulheres ostentam esse adorno.

Os Maoris da Nova-Zelandia tatuam os labios das mulheres com uma tinta azul; os homens trazem estranhos desenhos nas faces, praticados barbaramente com uma concha cortante, que, rasgando profundos sulcos na pelle, determina uma série de grosseiros traços.

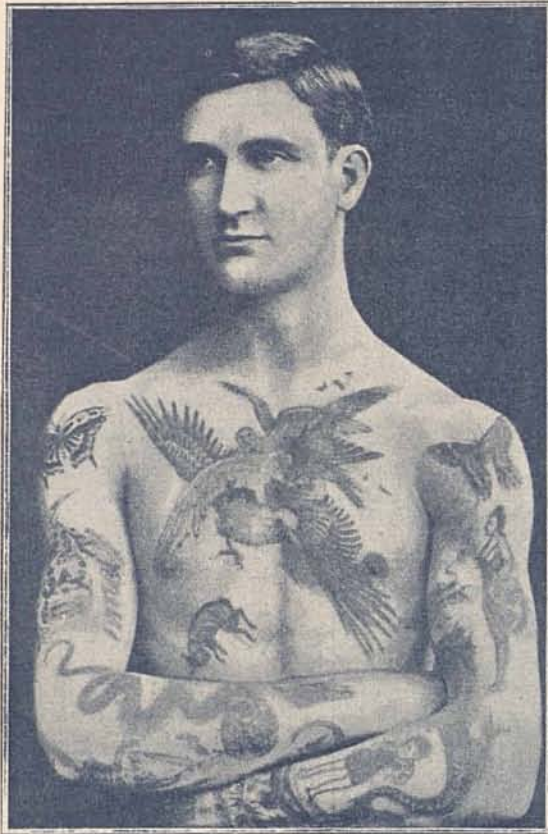
Tão doloroso é esse systema, que durante muitos dias são os operados submettidos a um tratamento especial, alimentando-se apenas de liquidos, que absorvem por meio de um funil, na impossibilidade em que se acham de abrir a bocca.

Nas ilhas Sandwich usavam antigamente as viúvas



Emma Burgh.

trazer gravado na lingua o nome do fallecido esposo ; mas, graças á benefica influencia dos missionarios, que,



« Um combate de aguias. »

energicamente, em todos os pontos do globo, combatem esse inutil martyrio, a tatuagem nas ilhas Sandwich só por excepção é actualmente praticada.

Em Burmah foi promulgada uma lei, durante o reinado do ultimo rei, tornando obrigatoria a tatuagem nos homens até a idade de dez annos. Em virtude d'essa lei, a operação deve estender-se da cintura até os joelhos, e jamais foi revogada essa disposição legal, não obstante o numero consideravel de creanças que, em consequencia das inflamações causadas pelos barbaros instrumentos, vêm a fallecer poucos dias após a operação. O utensilio empregado consiste em uma haste de latão, que mede cerca de 15 pollegadas, e na extremidade da qual uma ponta muito aguda grava no corpo os extravagantes dezenhos que o tatuador phantasia. A operação, a que não se applica nenhum processo anesthesico, é praticada publicamente, deante de uma multidão que ri e zomba dos gritos lancinantes da victima. Depois da occupação ingleza, o uso da tatuagem tende a decrescer.

No Japão encontram-se os mais celebres tatuadores do mundo, sendo ali admirada uma tatuagem habilmente praticada, com o mesmo sentimento artistico com que, em civilizados paizes do Occidente, é elogiado um quadro, obra-prima de notavel artista.

Referem, na verdade, viajantes que o tatuador Chyo, de Yokohama, tem dado á tatuagem um character verdadeiramente artistico, e que são dignos de menção os

trabalhos d'esse japonez intelligente e culto, que imprimiu nos braços do duque de Clarence e do duque de York desenhos delicadissimos, que esses principes mostravam como obras de pura arte. Yasu, de Kioto, é outro tatuador apreciado no Japão, e do qual Chyo, o mais celebre actualmente, foi discipulo. « Para elles, diz um viajante, a tatuagem attinge á perfeição de genuina pintura no corpo humano, com todos os artisticos effeitos de claro e escuro, com todas as subtilizas que um grande pintor europeu admiraria. »

A visita á residencia de Chyo, na Esplanada de Yokohama, é uma diversão a que todo o estrangeiro sente naturalmente obrigado, desde que atravessa a encantadora cidade japoneza. Chyo, que falla fluentemente a lingua ingleza, grava gostosamente no braço do visitante uma lembrança. Tres discipulos auxiliam o mestre indiscutido, fornecendo-lhe tinta e agulhas, e offerecendo ao estrangeiro charutos e bebidas refrigerantes.

Devido ao constante esforço visual que exigem os seus trabalhos, Chyo perdeu ultimamente n'um dos olhos a faculdade de vêr. Os instrumentos empregados pelo grande artista japonez consistem em finas hastes de marfim, a que se adaptam firmemente agulhas de varias dimensões, utilizadas successivamente, conforme as phases da operação ou a natureza da tarefa.

Chyo opera cuidadosamente, tendo em mira provocar a menor somma de soffrimento. Às pessoas dotadas de extrema sensibilidade, applica elle efficazes anesthesicos, sendo, portanto, o seu methodo muito mais humano do que o empregado pelos tatuadores de Burmah.



L. Williams.

Ha mezes, foi Chyo chamado perante a auctoridade policial, que, prohibindo-lhe a pratica da tatuagem, mo-

tivou essa ordem no facto de ser isso contrario á lei japoneza. Não ignorando essa clausula legal, declarou Chyo que a não desrespeitava, porquanto jamais tatuára um subdito do imperador do Japão, sendo sua numerosa clientela escolhida entre os viajantes ou estrangeiros residentes na valorosa ilha que impoz á China o retumbante successo das suas armas. A policia de Yokohama, não achando acceitaveis as razões invocadas por Chyo, negou-lhe o direito de tatuar estrangeiros ou nacionaes, e impoz-lhe uma pequena multa. Conhecida essa decisão, que foi lamentada por quantos apreciavam a habilidade do artista, um millionario de Nova-York, o Sr. Bandel, propoz a Chyo um contracto, mediante 2.400 libras annuaes, para, durante tres annos, mostrar á America e á Europa os trabalhos do celebre tatuador. Chyo iria assim augmentar no Velho e Novo Mundo o numero já bastante consideravel de tatuados. Mas o japonéz, não se deixando seduzir pela offerta, exigiu muito mais; e tão grande successo espera alcançar o Sr. Bandel, que, segundo as ultimas noticias, o millionario americano acceitára sem discussão as imposições do artista oriental.

A grande descoberta de Chyo, que faz o seu principal titulo de gloria, consiste no emprego de uma côr marrom, á qual elle addiciona o azul e o vermelho, em proporções variaveis. Por esse meio obtem as suas obras primas, verdadeiros quadros, que um viajante entusiasta compara ás telas mais famosas de Raphael e de Rembrandt.

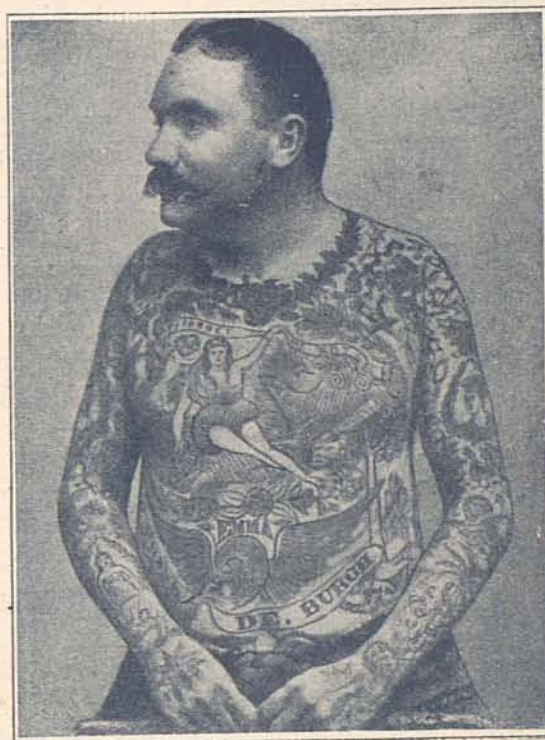
Nos Estados-Unidos a tatuagem tende a generalisar-se. O Sr. Williams e sua mulher, tatuados da cabeça aos pés, são interessantes quadros vivos, que revelam a habilidade dos irmãos Riley, conhecidos na grande republica norte-americana por esse genero de trabalho.

A tatuagem americana é muito diversa da que se pratica no Japão ou em Burmah; apresenta pontos de semelhança com a dos marinheiros, os quaes, no intuito de estabelecerem seguro testemunho de identidade, em caso de morte, traçavam com um phosphoro acceso e polvora, nos braços ou nas mãos, marcas indeleveis. Ultimamente, empregam uma agulha com tinta da India e cochonilha encarnada, na representação, pouco variada, de navios, ancoras ou estrellas.

Uma das tatuagens mais conhecidas na America é a de Emma Burgh, a qual com seu marido, Francis Burgh, se apresentou em espectaculos publicos na Inglaterra no anno de 1896. « A ultima ceia », famoso quadro de Leonardo da Vinci foi, por perito tatuador, gravada nas costas de Emma Burgh, sendo digna de nota a expressão de todos os personagens; Francis Burgh, que tem igualmente no dorso uma scena biblica, traz ao peito o retrato da esposa, com a inscripção: *Forget me not.*

Entre os soldados britannicos tem-se introduzido ultimamente o habito da tatuagem. É isso attribuido em grande parte ao Sr. Sutherland Macdonald, seguramente

o mais notavel tatuador europeu, o qual, na opinião de alguns, tem conseguido exceder em pericia aos japonezes. Além das tres côres empregadas por Chyo, usa Macdonald um azul ultramarinho e um verde esmeralda, ambos innocuos; actualmente experimenta no proprio corpo mais duas côres, entre ellas o amarello. Espera Macdonald obter, com a combinação de sete côres, todos os recursos da pintura. Além d'essas descobertas, o artista inglez tem a seu favor a invenção de uma machina electrica, na qual insere uma agulha finissima, que torna o trabalho mais rapido, as linhas do desenho mais nitidas e regulares, sendo reduzido ao minimum o soffrimento do operado. Para a elaboração das sombras, emprega ainda Macdonald as agulhas japonezas, sendo, diz um jorna-



Francis Burgh.

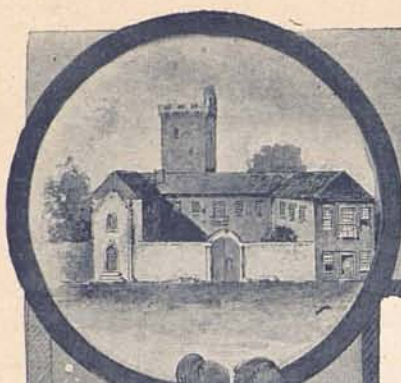
lista, o principal e constante cuidado do illustre artista os processos antisepticos, com os quaes evita radicalmente o contagio de qualquer molestia.

Entre os seus numerosos trabalhos, cita-se, como uma de suas obras primas, « um combate de aguias », gravado no peito de um compatriota seu. A gravura que reproduzimos, faltam as côres que animam as figuras e dão vivo relevo á scena grandiosa de uma lucta em pleno espaço.

Uma visita ao « atelier » de Macdonald, em Jermyn Street, é essencialmente curiosa. « Admirei ahi o gosto, a riqueza e o conforto, diz um americano que o visitou. »

Macdonald tem no pescoço uma cobra e nas costas um falcão de azas desdobradas, pacientes trabalhos seus e bellos especimens da sua habilidade artistica.

THOMAZ SWEET.



a Ilustre Casa de Ramires

Continuado do nº 16.



A *Gazeta do Porto*, com a correspondencia vingadora, devia desabar sobre Oliveira na quarta-feira de manhã, dia de S. Bartholomeu. E Gonçalo, ainda que não temesse (embuçado n'aquelle pseudonymo de *Juve-*

nal) uma briga grosseira com o Cavalleiro nas ruas da Cidade, nem mesmo com algum dos seus partidarios servis e façanhudos como o Marcolino do *Independente*, recolheu discretamente a Santa Irenêia, na terça-feira, a cavallo, acompanhado pelo Barrôlo até á Vendinha, onde ambos provaram o vinho branco celebrado pelo Titó. Depois, como o céu já cinzento e abafado se entenebrecêra sobre a serra, Gonçalo para encurtar (e tambem para recordar os logares memoraveis em que, na sua Novella, se encontravam com fragor d'armas Lourenço Ramires e o Bastardo de Bayão), largou a estrada, mettu pelo caminho da Vendinha, que atravessa a espalhada aldêa de Canta-Pedra e todo o valle alegre até á Estação de Corinde.

Á entrada do fresco logar de Nacejas, depois da Fabrica de Papel, no cimo da ladeira onde se ergue o Cruzeiro, sempre coberto pelas pombas que esvoaçam do pombal da Fabrica — appareceu, quando elle passava, á janella d'uma casinha muito limpa, rodeada de parreiras e revestida de roseiras, uma linda rapariga, morena e fina, com um jaqué de panno azul e lenço de cambraieta bordada por sobre os fartos bandós ondeados e negros. Gonçalo, sopeando a egua, saudou, sorriu suavemente, e ainda depois se virou no selim para remirar aquelle recanto de graça rustica a que a tarde enevoada, o silencio pensativo dos campos, afinavam a doçura.

N'esse momento, d'uma quelha enramada, entre muros d'horta, sahia um caçador do campo, de jaleca, de barrete de lã, com a espingarda atravessada nas costas, acompanhado por dois perdigueiros. Era um latagão airoso, que todo elle, no bater dos sapatões brancos, no menear da cinta enfaixada em seda, no levantar da face clara de fartas suissas louras, transbordava de presumpção e pimponice como bonito e valente. Na estreita ladeira nem se arredou da egua, quasi raspou o cano da caçadeira pela perna do Fidalgo — a quem atirou de lado, com arrogancia, uma olhadella por entre as bellas pestanas, meio cerradas, desdenhadoras — « Que grande animal! » pensou Gonçalo. Depois, ao fundo do corrego, onde o caminho dobra e se estira entre álamos pela beira do riacho das Donas, ainda espreitou para traz, para a branca casa florida... O mocetão, encostado á espingarda, junto aos dous perdigueiros deitados, palrava e ria com a linda moça morena, debruçada na janella entre dous vasos de cravos, e parecia arremessar ao fidalgo algum remoque porque movia para elle a cabeça desafiadora, onde a borla vermelha do barrete se espetava n'uma petulancia de crista. O caminho, á orla do ribeiro, corria liso e facil — e Gonçalo Mendes Ramires, prudente, lançou a galope a fina egua do Barrôlo.

Na Torre encontrou, entre os jornaes da semana, uma carta de T. Pinheiro, patrioticamente ancioso « por saber se essa *Torre de D. Ramires* se erguia enfim para honra das lettras, como a outra, a genuina, seerguera outr'ora, em seculos mais ditosos, para orgulho das armas... » E acrescentava n'um *Post-Scriptum* — « Planeio immensos cartazes, pregados a cada esquina de cada cidade de Portugal, annunciando, em lettras de covado, a apparição salvadora dos *Annaes*! E, como tenciono prometter n'elles aos povos a sua preciosa Novellasinha, desejo que o amigo Gonçalo me informe se ella tem, á moda de 1830, um saboroso sub-titulo, como « *Episodios do seculo XIII* » ou « *Chronica do Reinado de Affonso II* », ou « *Scenas da Meia-Idade Portugueza...* » Eu voto pelo sub-titulo. Como o sub-solo n'um edificio, o

sub-titulo n'um livro alteia e dá solidez. Á obra pois, meu Ramires, com essa sua imaginação feracissima!... »

Esta invenção d'enormes cartazes, com o seu nome e o titulo da sua Novella em letras de côres estridentes, detendo, a cada esquina de Portugal, gente que pasma curiosamente, e recorda este grande nome de Ramires, e o sente tão antigo ressoando nas Chronicas, e ainda tão novo assignando Novellas — deleitou o Fidalgo. E logo n'essa noite, com um bule de chá verde junto do volume do *Bardo*, ao rumor da chuva lenta que batia a folhagem dos limoeiros, retomou o seu manuscrito, que parara nas primeiras linhas, amplas e sonoras, do Cap. II

Através d'ellas, e na frescura da manhã, Lourenço Mendes Ramires, com o trôço de cavalleiros e peonagem da sua mercê, corria sobre Monte-Mór em socorro das senhoras Infantas. Mas ao penetrar no valle fatal de Canta-Pedra, eis que o esforçado filho de Tructesindo avista a mesnada do Bástardo de Bayão, alli postado desde alva (como annunciara Mendo Paes, na sala d'armas de Santa-Irenêia) para lhe tolher rijamente a passagem... E então, n'esta rude Novella de sangue e armas, brotava inesperadamente, como uma rosa na fenda d'um bastião, um lance de triste amor, que o tio Duarte cantara no *Bardo* com dolente elegancia.

Lopo de Bayão, cuja belleza loura de fidalgo godo era tão celebrada por toda a terra d'Entre Minho-e-Douro que lhe chamavam o *Claro-Sol*, amara arrebatadamente D. Violante, a filha mais moça de Tructesindo Ramires. Pelo S. João a conhecera elle, no solar de Lanhoso, onde se celebravam formosos jogos de Tavolagem. E certamente Violante Ramires (de quem o tio Duarte, no *Bardo*, louvava o « liquido fulgor dos negros olhos » e as « tranças fartas de lustroso ebano ») rendera o seu coração áquelle claro moço, resplandecente e côr d'ouro, que no derribar das Tavolas, e depois com o rojão contra o toiro, ganhara os dous « laureis » melhores, duas fachtas bordadas pela nobre Dona de Lanhoso. Mas Lopo era bastardo, d'essa raça de Bayão, inimiga dos Ramires por velhissimas brigas de terras e precedencias desde o Conde D. Henrique — ainda avivadas depois, durante as contendias de D. Tareja e de Affonso Henriques, quando na curia dos Barões, em Guimarães, Mendo de Bayão bandeado com o Conde de Trava, e Ramires o *Cortador*, collaço do moço Infante, se arrojaram ás faces os guantes ferrados. E, fiel ao odio secular, Tructesindo Ramires recusara com dura arrogancia a mão de D. Violante ao mais velho dos de Bayão, um dos valentes de Silves, que lh'a pedira para Lopo, seu sobrinho, o *Claro-Sol*, trazendo a Santa-Irenêia quasi submissamente aven-

ças d'alliança e doce paz. Este ultraje ferira Lopo dolorosamente no seu coração — e furiosamente no seu orgulho. Para saciar o desejo, para manchar a solar dos Ramires, tentou raptar D. Violante, quando ella, com alguns cavalleiros e parentes, jornadeava de Freixedo ao mosteiro de Lorvão, onde sua tia D. Branca era abbadessa... Docemente, no *Bardo*, descantara o tio Duarte o aventureiro lance :

Junto á fonte mourisca, entre os ulmeiros,
A cavalgada pára...

E ahi surgira o *Claro-Sol*, que, com os seus, espreitava d'um cabeço! Mas logo, na curta rixa, um primo de D. Violante, o agigantado senhor dos Paços d'Avellim, o desarmou; e com vida perdoada, rôxo de raiva, o Bastardo abalou entre os poucos solarengos que o acompanhavam n'essa a foute arremettida. Mas desde então mais fero e crú ardia o rancor entre os de Bayão e os Ramires. E eis agora, n'esse começo da Guerra das Infantas, os dois inimigos rosto a rosto no valle estreito de Canta-Pedra! Lopo com um bando de cinquenta lanças, e mais de cem bêsteiros da Hoste Real. Lourenço Mendes Ramires com quinze cavalleiros e quarenta homens de pé do seu pendão.

Era em Agosto : e o vagaroso, abrasado estio amarellecera toda a relva, as pastagens famosas do Valle, até a folhagem dos amieiros e faias pela orla do riacho, que s'arrastava entre as pedras lustrosas, n'um fio escasso, de dormente murmurio. Sobre um outeiro, dos ladós de Ramilde, avultava, no meio de possantes ruinas erriçadas de sarças, a denegrada *Torre Redonda*, resto da velha honra de Avellans, incendiada. No cabeço fronteiro e mais alto, dominando o valle, o mosteiro de Ribadães estendia as suas cantarias novas, com o torreão forte de largo eirado — onde os monges corriam, se debruçavam, espreitando, inquietos com aquelle coriscar d'armas que desde alva enchia o valle. E o mesmo temor invadira as aldeias chegadas — porque além, sobre a crista das collinas, se apressavam para o refugio santo do convento filas de gados, gente com trouxas, carros toldados de rodas macissas...

Ao avistar, a meio do valle, aquelle basto troço de cavalleiros e peões, espalhado até á beira do regato sob a sombra das faias, Lourenço Ramires estacou, sustendo a levada, junto d'um montão de pedras onde apodrecia, encravada, uma velha cruz de pau. E o seu almogavar, que largara, redeas soltas, estirado pelo pescoço da egua, acobertado pelo escudo de couro, para reconhecer a hoste — logo voltou, sem que frecha ou pedra de funda o colhessem, gritando :

— São homens de Bayão e da Hoste Real!

Tolhida pois a passagem! E em que desigual, refalsado, embuscado recontro! Mas o soberbo Lourenço não duvidou avançar e ferir peleja. Só-sinho que entrasse n'aquelle valle, com uma quebradiça lança de monte, arremetteria contra toda a mesnada do Bastardo! Já o adail de Bayão se adeantava, em lentas curvetas do ginete branco, com a espada atravessada deante do morrião. E bradava, atroava o valle com o rouco brado :

— Deter, deter! que não ha passagem! E o nobre senhor de Bayão, em recado d'El-Rey, e por mercê de Sua Senhoria, vos guarda vidas salvas, se volverdes costas sem rumor e tardança!

— Bésteiros, a elle! gritou Lourenço.

Os virotes assobiaram. Toda a curta ala dos cavalleiros de Santa-Irenêia tropeou para dentro do valle, de lanças ristadas. E o filho de Tructesindo, erguido sobre os estribos de ferro, debaixo do panno solto do seu balsão, que o villico apressadamente desenrolara e por traz alçava, levantou a vizeira do casco para que lhe mirassem bem a face destemida, e lançou ao Bastardo injurias de furioso orgulho :

— Chama outros tantos dos villões que te seguem, que por sobre elles e por sobre ti chegarei esta noite a Monte-Mór!

E o Bastardo, no seu alto ginete, que uma rede de malha cobria, acairelada d'ouro, arremessava a mão calçada de ferro, clamava :

— Para traz d'onde vieste é que voltarás, bulcão, traidor, se eu por mercê mandar a teu pae o teu corpo n'uma andas!

Estes soberbos desafios resoavam no *Bardo*. E Gonçalo Mendes Ramires, sentindo a alma enfundada pelo velho heroismo da sua raça, como por um vento que sopra de longe, arrojou um contra o outro os dous bandos valorosos. Grande briga, grande grita...

— Rompe! Mata!

— Ala, ala, fundeiros!

— Casca pelos Ramires!

— Cerra, cerra, por Bayão!

Rijos paus de áscumas estalam topando na malha miuda das lorigas; as pranchas dos montantes retinem embebidas nas chapas dos broqueis; através da densa poeirada silvam garruchas, grossas balas de barro despedidas das fundas; e já aqui e além, de cima d'um corcel que se empina arquejando sob a réde de malha, desaba algum hirto e chapeado senhor, com um baque de ferragens sobre a terra molle... Os cavalleiros e infanções, porém, como n'um rude jogo, apenas terçam lanças para se derribarem, abolidos os arnezes, com brados de excitada ufanía : e sobre a villanagem contraria, em quem cevam o furor da matança, cahem os seus largos espadões

e se despenham as achas d'arma, esmigalhando os cascos de ferro. Por entre a pionagem da Bayão e da Hoste Real, Lourenço Ramires avança como ceifeiro faiscante através d'herva tenra! A cada arranque do seu fouveiro, que sacode furiosamente a testeira de ferro, pingante todo d'espuma, sempre entre pragas e urros um peito verga trespassado, ou braços se retezam em agonia.

Todo o seu afan era chocar armas com Lopo. Mas n'essa tarde o Bastardo, tão arremessado e affrontador em combate, não se apartara d'uma linha de Cavalleiros, que sobre o outeiro o rodeavam, o guardavam, como uma estacada de lanças : e com brados, não com golpes, aquentava a lide. No ardor desesperado de romper essa cerca, Lourenço gastava as forças, ferido, offegante, rouco, clamando pelo Bastardo com os duros ultrajes de *marrão!* e de *zorro!* Já por sobre a malha falseada da loriga lhe gottejava do hombro um fio de sangue. Cada arremesso do montante lhe arrancava um gemido.

Subitamente, varado por uma frecha na anca, o seu grande ginete abateu, rolou, quebrando no escoucear as largas cilhas preeguedas. E desembrulhado dos loros, com um salto, Lourenço Ramires encontrou em roda uma sebe de espadas e de zagaias, que o cerravam, em quanto que do outeiro, debruçado na sella, o Bastardo bradava :

— Colhei-m'o ás mãos! Colhei-m'o ás mãos!

Trepando por cima dos corpos, que se estorciam sob os seus sapatos de ferro, o valente moço rompe, a golpes arquejados, contra as pontas agudas que recuam, se furtam... E, triumphantes, redobram os gritos de Lopo de Bayão :

— Tomai-o vivo, tomai-o vivo!

— Não, se me restar alma, villão! rugia Lourenço.

E carregava, quando um pedregulho enorme o alcançou no braço, que amorteceu, pendente, com a espada presa ao punho pela corrente de ferro. N'um relance ficou agarrado por peões tumultuosos que lhe filavam a gorja, enquanto outros lhe puxavam a orla do saião de malha, ou com varadas de ascuma lhe vergavam as pernas retesadas. Tombou — e jazia immovel, hirto nas cordas com que o amarraram, sem capello, sem cervilheira, os olhos duramente cerrados, e os longos cabellos collados em pastas de poeira e de sangue.

Eis pois captivo Lourenço Ramires! E, deante das andas feitas de ramos e franças de faias em que o estenderam, o Bastardo, limpando com as costas da mão o suor que lhe escorria sobre as barbas formosas, murmurava, commovido :

— Ah! Lourenço, grande dôr, grande dôr, que poderamos ser irmãos e amigos!

Com esta exclamação de Lopo, em que per-

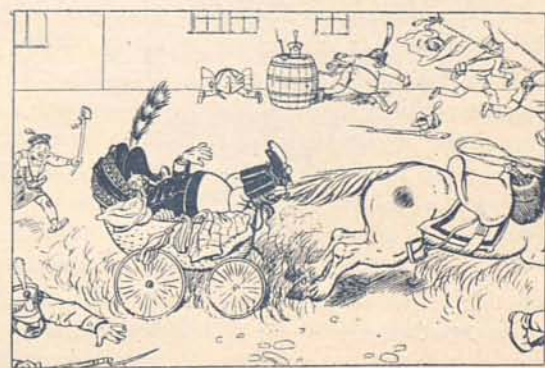
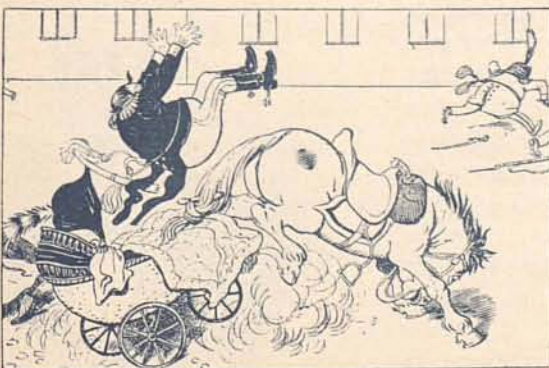
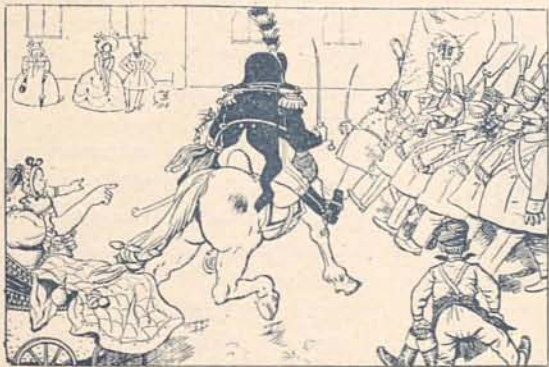
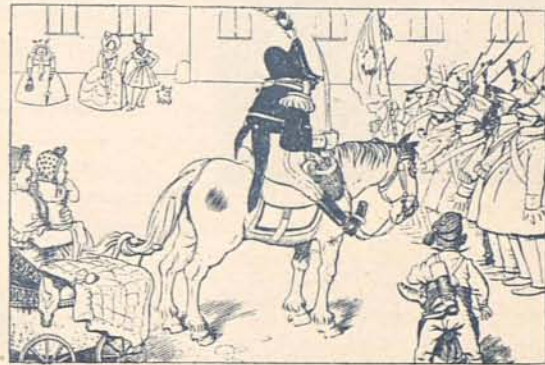
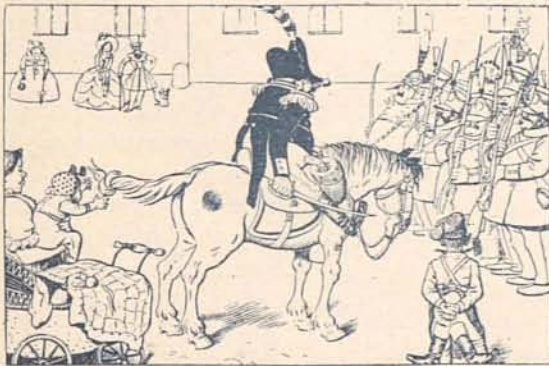
passava a magua do amor vedado, fechou n'essa tarde Gonçalo Mendes Ramires, respirando largamente, aquelle Cap. II, que labutara tres dias, tão embrenhado que em torno o Mundo como que se calara e se fundira em penumbra. E com o charuto entre os dentes, numerando as tiras, atirando aqui e além alguns retoques mais intensos de côr archaica — pensava na real belleza de ter assim uma tal linha de avoengos heroicos, que, depois de construirem o Reino forte com

feitos fortes, davam ainda, nas edades da intelligencia, motivos a Poemas, a Novellas como a *Torre!*... Quando aquellas paginas apparecessem em Outubro, nos *Annaes de Litteratura e de Historia*, a sua raça ficaria gloriosamente popular em Portugal. Aspera responsabilidade para elle — que nas maneiras, no pensar, na energia, na viril dignidade da vida, no fecundo trabalho social, deveria mostrar quanto a raça se mantivera pura, nobre e servidora!

(Continúa).

EÇA DE QUEIROZ.

HISTORIA COMICA



GROTESCA AVENTURA DE UM VALOROSO CAPITÃO

NOTICIARIO ILLUSTRADO

O principe de Galles.

A visita do principe de Galles a



O principe de Galles.

Paris tomou, aos olhos de muitos, uma importancia especial.

Recebido oficialmente, com as honras devidas ao futuro rei da Inglaterra, o principe visitou as obras monumentaes da Exposição de Paris de 1900. Depois de percorrer os varios pontos da grande area destinada a essa festa internacional, depois de ouvir minuciosas explicações sobre o plano da Exposição, fornecidas pelo Sr. Picard, commissario geral, o herdeiro do throno da Gran-Bretanha soube, com a sua habitual gentileza, louvar os grandiosos projectos e encorajar a commissão no empreendimento de sua ingente tarefa.

Alguns jornaes, commentando essa visita aos trabalhos da Exposição futura, consideram a attitúde do principe como um penhor de paz e de sympathia entre a Inglaterra e a França, não obstante pequenas dissensões a que a politica exterior tem arrastado as duas poderosas nações.

A Mi-Carême

O Carnaval foi em Paris, este anno, inferior ao do dois ultimos annos. A inclemencia do tempo e a sup-

pressão do « bœuf gras » deve-se, sem duvida, essa inferioridade relativa, que foi, no emtanto, compensada pela festa da Mi-carême, a qual desde alguns annos tem concorrido para a renascença do Carnaval parisiense.

Para a organização da cavalgada tradicional, os diversos mercados de Paris tomaram a iniciativa, porquanto as lavanderias — e a festa da Mi-carême é a festa das lavadeiras — tinham decidido não tomar parte n'esses festejos populares, e d'esta resolução só á ultima hora desistiram.

A Rainha das rainhas foi, por isso, excepcionalmente, escolhida n'este anno entre as raparigas dos mercados.

Chama-se ella Maria Bourdillon, tem vinte annos, é morena e graciosa.

Os estudantes, que tão activo papel desempenham n'essa cavalgada, offereceram á ephemera Magestade um



Mlle Bourdillon.

anel de saphira, realçado por uma corôa de diamantes.

Cercada de uma côrte numerosa, composta de pagens e de damas de honra, Mlle Bourdillon, trajando luxuosamente uma *toilette* de seda, destacava-se, no grande prestito, n'um carro monumental, entre flôres e fitas, a que se iam enlaçando em seu percurso serpentinadas de mil côres.

Não foram n'esta festa, essencialmente popular, esquecidos os pobres de Paris. Os estudantes, no coração dos quaes pulsa sempre um sentimento generoso, obtiveram, com a venda do seu espirituoso jornal *Le quartier latin*, illustrado, em numero especial, pelos mais apreciados artis-

tas, uma forte somma em favor dos desprotegidos, que, em tão grande numero, se encontram n'esta cidade de luxo e de prazer.

Fogazzaro.

Por convite da Sociedade de Conferencias, esteve em meados de Março em Paris o conhecido e apreciado escriptor italiano Antonio Fogazzaro, que muito se fez applaudir em prelecções litterarias.

Nascido em Vicenza no anno de 1842, foi Fogazzaro discipulo do celebre abbada Zanella.

Formado em Direito em 1861, o illustre romancista occupou durante alguns annos uma cadeira na Camara italiana, onde a sua palavra era attentamente escutada e as suas opiniões acatadas com respeito.

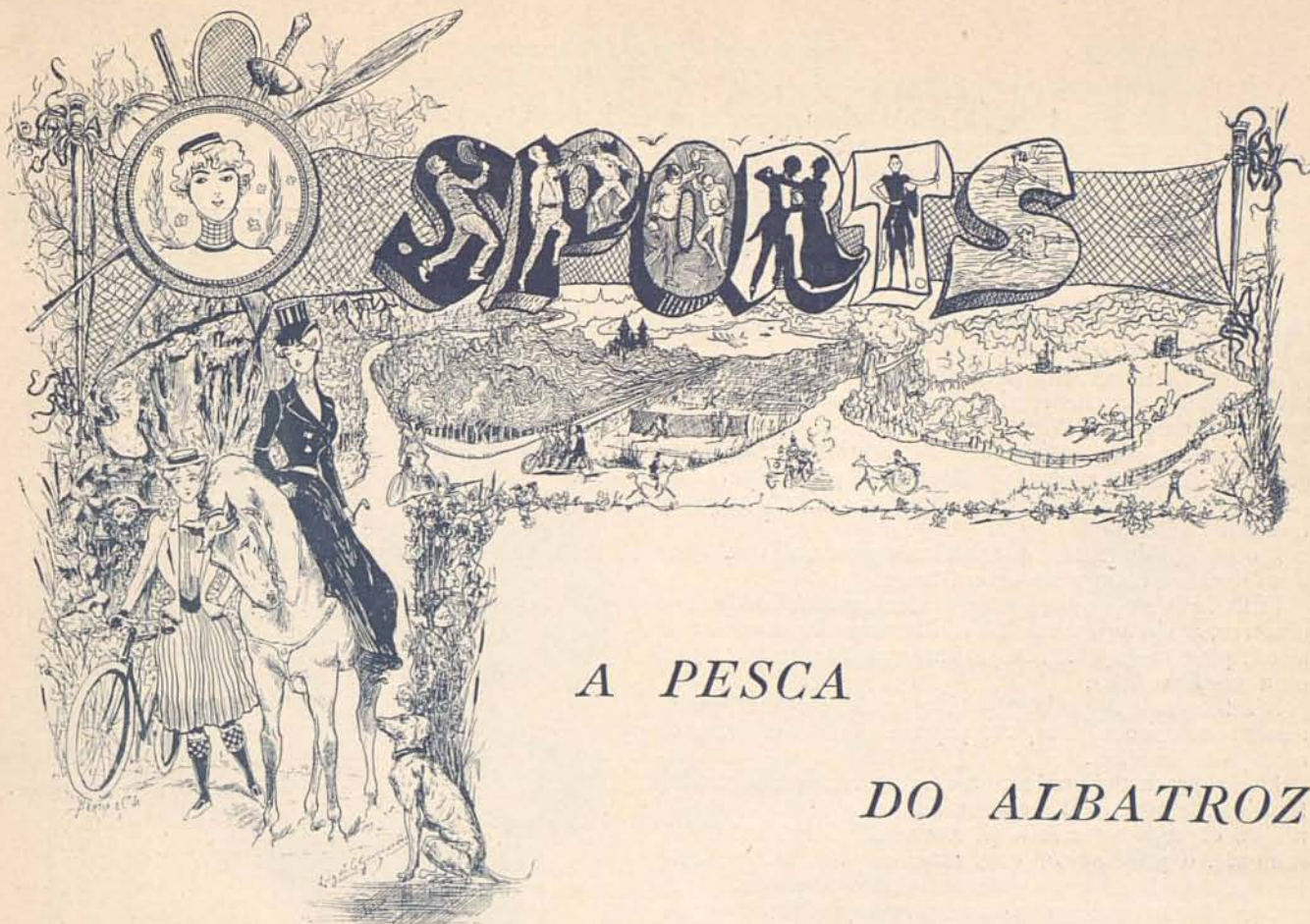
Entre os numerosos trabalhos publicados pelo litterato que tanto renome tem alcançado, podemos citar: *Miranda*, *Valsolda*, *Malombra*, *Daniele Cortis*, *Fidele*, *Il mistero del poeta*, *Il piccolo mondo antico*, etc.; sem contarmos um livro de poesias.

Algumas de suas produções, taes como *Malombra* e *Daniele Cortis*, têm sido trasladadas em varias linguas.

Recebido com evidentes manifestações de apreço pela imprensa parisiense, Antonio Fogazzaro regressou á sua patria sob uma impressão extremamente agradavel. E de seus confrades de Paris só poderá conservar uma boa recordação.



Antonio Fogazzaro.



A PESCA

DO ALBATROZ

Os marinheiros ingleses, como passatempo em longas e monotonas viagens através do Atlântico, em navios à vela, que tão demoradas tornam as travessias, pescam o albatroz, o rei dos ares.

Na parte occidental do Oceano e ao norte, e em toda a região até as ilhas Canarias, não encontram os navios que das costas da Inglaterra vão em demanda das águas chinesas, uma só ave aquática que mereça a tentativa de uma captura.

As gaiotas cinzentas, as azuladas, as pretas vêm pousar descuidosamente sobre o toldo do navio, certas da impunidade. E durante horas se deixam somnolentemente transportar.

Na região dos tropicos ha a ausencia completa de aves, e só quando o navio tem passado o Capricornio, começam passaros aquáticos a volitar em torno à embarcação. Os pombos do Cabo são os mais communs, e, dominando pela sua força e pelas suas proporções todas as outras aves, vê-se o precioso albatroz.

Os marinheiros não se preocupam com os pequenos habitantes dos ares, e no albatroz gigante concentram toda atenção, porquanto commercialmente representa elle um valor notavel.

Cada parte do albatroz póde ser applicada a um uso diverso.

O delicado tecido dos pés serve para a fabricação de bolsas e de pequenos saccoes; os ossos são facilmente vendidos, em terra, aos mercadores judeus, que os preparam para tubos de cachimbo; para a pennugem, grandemente apreciada, acham-se compradores em qualquer porto; e a carne, se fôr devidamente preparada, eliminado o cheiro de peixe que lhe prejudica o sabor, constitue excellente alimentação para os passageiros da prôa.

E assim a maior ave aquática é capturada pelos marinheiros n'um intuito industrial, como o buffalo é caçado nas regiões septentrionaes da America.

A captura exige tenacidade e tempo; e os marinheiros que se consagram á pesca do albatroz, a outra occupação não se podem entregar durante um dia inteiro. Além d'isso, é preciso conhecer as diferentes phases da operação, como é necessario saber escolher e preparar os apetrechos destinados á longa e fatigante tarefa.

Suppunham outr' ora os navegantes que bastaria deixar á pôpa, preso a uma linha, um pedaço de carne, para que o albatroz, vorazmente devorando a isca, se achasse á mercê do pescador.

O rei dos ares não via provavelmente a armadilha que lhe estava preparada, e se a via, não se dignava descer das regiões infindas que livremente percorria.

É necessario o emprego de um estratagem, que con-



siste em atirar á superficie das aguas pequenos fragmentos de carne de porco, tão diminutos quanto um grão de ervilha.

Passaros que aos bandos circumdam o navio, acodem a essa distribuição; e a esses passaros, outros se vão juntando.

O albatroz, ao longe, contempla o movimento, e curioso se vae approximando aos poucos.

Mansamente vem descendo, e de subito pára, e se balouça nos ares, suspenso nas grandes azas possantes, e desce mais um pouco e pouco mais, até que nitidamente observa a faina em que se debatem os pequenos passaros, seus subditos humildes.

O pescador atira, então, ao mar um grande pedaço de carne. Fôra previamente preparado para o albatroz, em um anzol agudo e fortemente recurvado, preso a uma linha resistente, na qual se adaptam pedaços de cortiça, a fim de que ella sobrenade.

As aves menores affluem em bando á traçoira offerta, mas só conseguem belliscal-a, tão grande é para essas gargantas exiguas.

O albatroz, que assiste áquelle inutil esforço, desce sobranceiro até a superficie das aguas, emquanto, espavoridos e atemorizados, os passaros debandam em nuvens.

E o pedaço de carne, que bastaria para a alimentação dos fugitivos, é engulido de um trago.

Então, pôdem-se dar as seguintes eventualidades : o albatroz, abrindo o largo bico, liberta-se do engoão ; o anzol, pouco aguçado, não perfura a cartilagem do bico ; ou a ave fica presa.

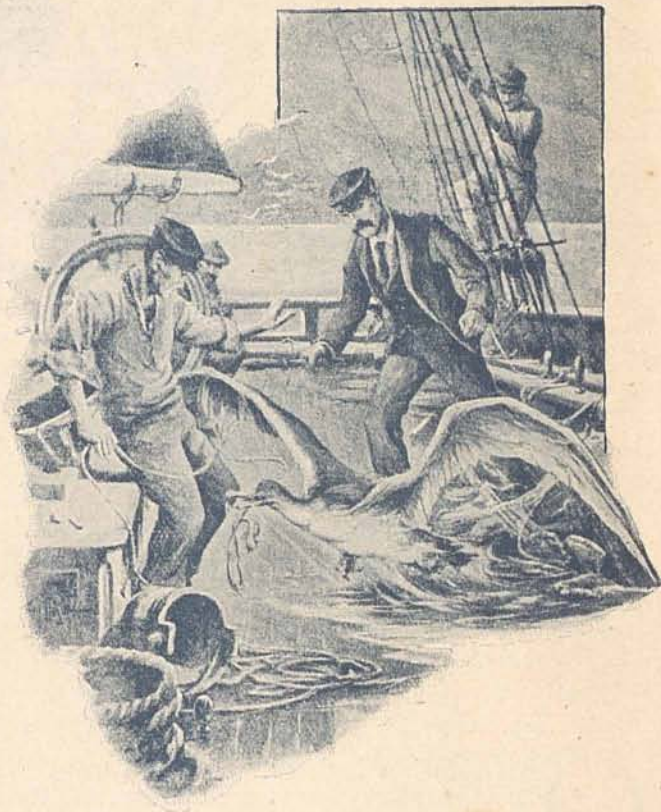
N'esta ultima hypothese, aliás a mais provavel, pôde ainda romper-se a linha, tão pujante é muitas vezes o esforço do albatroz.

Mas o passaro gigantesco ascende aos ares ; e tendo firmemente amarrado a extremidade da linha, o marinho começa a puxar a si, pouco a pouco, cuidadosamente, o prisioneiro, que, vencido pela fadiga, exausto, vem fatalmente cahir aos pés do pescador.

Com o esforço empregado no sentido de libertar-se, o albatroz dilacera frequentemente os pés e prejudica a belleza das suas pennas.

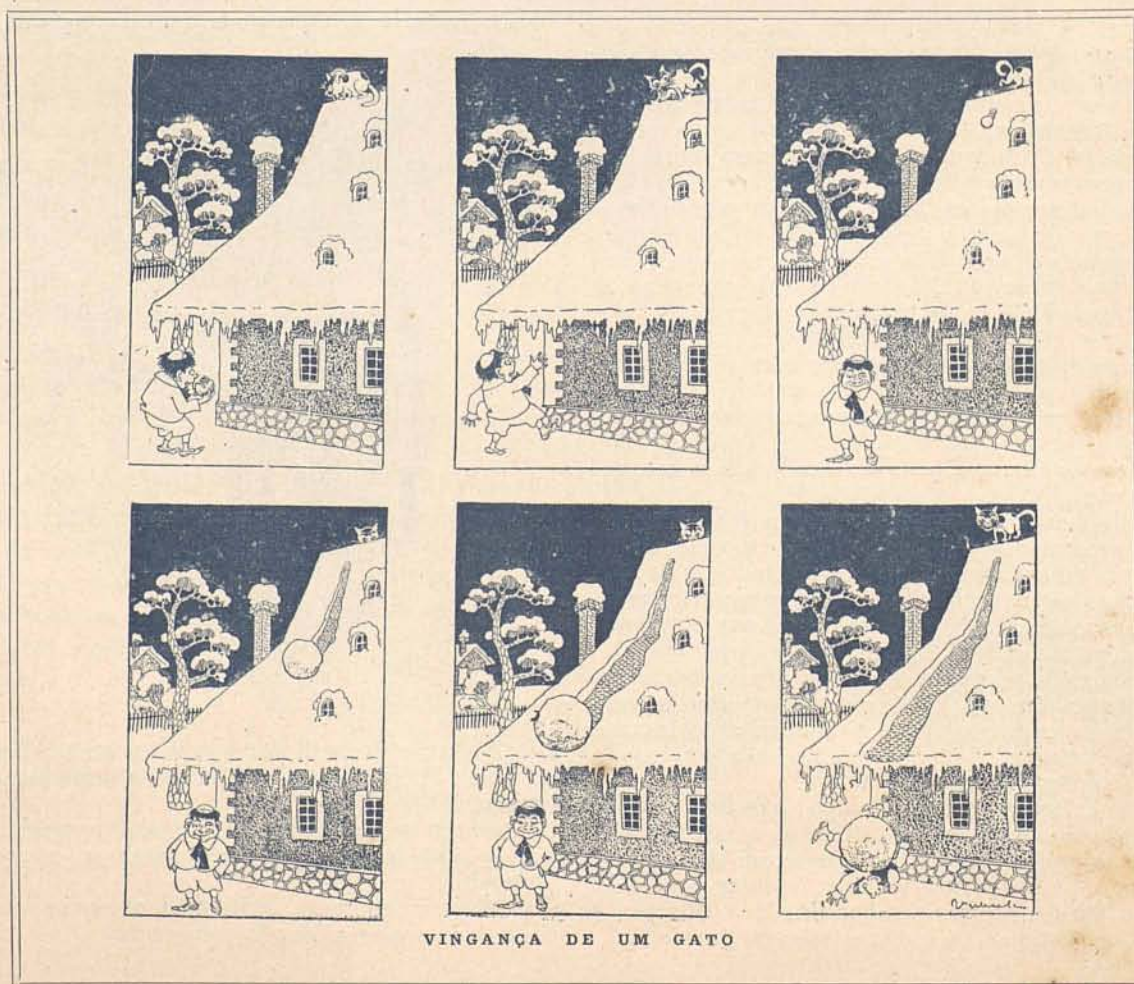
Para matal-o, se isso se tem em vista, é preciso dar-lhe um forte golpe na cabeça. Captivo, pôde ser conservado vivo, se fôr alimentado convenientemente e se constantes duchas lhe fôrem ministradas ; mas a sua existencia é precaria.

Emquanto o navio sulca as aguas de uma região temperada, o albatroz vive, mas desde que começam os calores tropicaes, a ave enlanguesce, e a 5 grãos do



equador, definha e morre o rei dos passaros aquaticos, rei pelo tamanho, pela belleza e pela força.

S. MARCELLO.



VINGANÇA DE UM GATO

REVISTA MODERNA

SUPPLEMENTO DE MODAS



Vestido de baile. Saia de seda ottoman cõra de rosa pallida. Bolero de velludo cõr de violeta de Parma (rõxo claro), bordado de ouro, tendo o cinto e os alamares, que formiam as mangas, de velludo igualmente rõxo. As guarnições sã de renda veneziana.



Na primavera, estaçã que se inicia agora, variam de tal modo as *toilettes*, que não constitue facil tarefa apresentar decisivas informações sobre as modas actuaes.

Podemos, no emtanto, affirmar que o vestido de fõrma princeza estã em vigor e que para as *toilettes* que não affectam essa fõrma, as saias serão arregaçadas ou muito guarnecidas. Quanto aos corpinhos são igualmente muito enfeitados, e nota-se que se usam mais ajustados do que no anno decorrido. Como fazendas, empregam-se o foulard e as musselinas com dezenhos orientaes. O encarnado e o violeta são as cõres da moda. Os boleros de phantasia são muito usados nas *toilettes* de panno, assim como as jaquetas de abas curtas.





Ville VIII.
-197

Vestido de foulard, fundo côr de café com leite com grandes dezenhos « mordorés ». Corpinho de foulard côr de crème, sem dezenhos, formando bolero e abrindo sobre uma frente, muito original, de musselina franzida, azul claro. Uma delicada renda de Irlanda enfeitada de pequenas fitas de velludo « mordoré » e um cinto do mesmo velludo completam a guarnição.

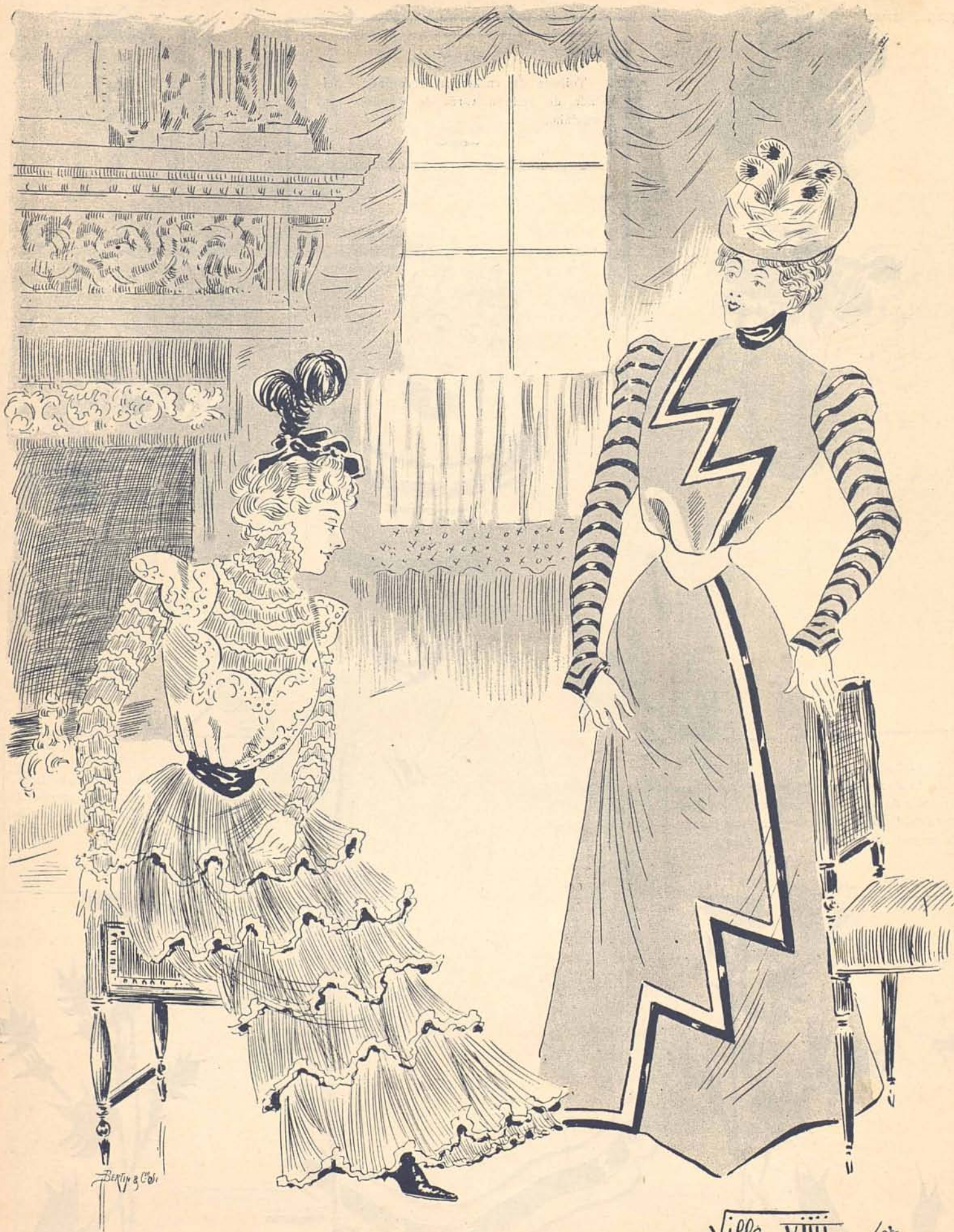
Toilette de cachemira encarnada, nfeitada de velludo verde de « voile » azul marinho.



Corpinho de panno cinzento enfeitado de seda da mesma cõr, bordada de lentejoulas de aço e de uma pata de velludo cõr de esmeralda. O chapéo de palha preta tem plumas da mesma cõr e um laço cõr de cereja.



Corpinho á direita ornado de tafetá escossez verde e encarnado. O chapéo, muito á moda, é de palha de Manilha guarnecido de filó verde claro e de velludo rôxo.



Ville VIII. /98.

A toilette representada á direita é um vestido de panno encarnado muito simples e elegante, com enfeites de velludo preto. A toilette á esquerda, menos modesta, é de tafeté mauve. Os babados da saia são guarnecidos de « ruches » de musselina tambem mauve. A frente do corpinho é de musselina franzida, côr de rosa pallida, e o cinto de velludo côr de rosa mais escura.

MATHIEU-DEROCHE

39, Boulevard des Capucines, 39 — PARIS

ASCENSEUR

TÉLÉPHONE

Reproduções de retratos, obtidas pela photographia, em miniaturas sobre marfim e sobre **esmaltes inalteraveis** vitrificados como as porcelanas de Sèvres, conservando-se em todos os climas resistindo ao calor, á luz e á humidade.

Casa fundada em 1866. — Medalhas de ouro nas exposições universaes de Pariz 1878, 1889.

Membro do Jury 1893. — Membro dos *Comités* d'admissão da Exposição de 1900.



ENVIASE GRATUITAMENTE O CATALOGO DETALHADO

Procurem em todos os Ferragistas e Bazares

O INCOMPARAVEL SABONETE MONKEY BRAND

Sem Rival para limpar toda a especie de metal

Renova completamente dando o lustro primitivo

O SABONETE MONKEY BRAND FABRICADO POR BROOKE'S

é empregado nas melhores casas da EUROPA e AMERICA

38, Rue du Quai
ANTUERPIA

MABY & C^o
Successores de RENIER freres

38, Rue du Quai
ANTUERPIA

Grande sortimento de artigos em couro de proveniencia belga e ingleza. — Especialidade em toda a sorte de artigos para a montaria.

Sellas RENIER, premiadas em diversas Exposições

Um completo sortimento de capas e polainas de borracha.

Sellas mexicanas e mantas de couro pelludo. — Expedição constante para as duas Americas.

ANTUERPIA
38, Rue du Quai

MABY & C^o

ANTUERPIA
38, Rue du Quai



J. COSTA & C^o

BOOT-MAKERS · BOTTIERS · ZAPATEROS

277, RUE SAINT HONORÉ, 277

(PRÈS DE LA RUE ROYALE)

PARIS

TÉLÉPHONE

ESPINGARDAS DE CAÇA

Carabinas de Escola. Revolvers de 1^a qualidade

A. GUINARD

FORNECEDOR DE S. M. EL-REI DE PORTUGAL

PARIZ — 8, Avenue de l'Opéra — PARIZ

Envia-se o Catalogo especial contendo todas as novidades a quem mandar 3 sellos de 25 centimos.



Marca da Fabrica
da casa Guinard

ENXAQUECAS E NEURALGIAS

Uma só dose de **Cerebrine**, elixir agradável, inoffensivo. Quando se toma em qualquer momento de um acesso de Enxaqueca ou de Neuralgia faz desaparecer a dor em menos de dez minutos sem nunca causar inconvenientes — o que tanto o medico como o doente podem verificar immediatamente.

A **Cerebrine** actua maravilhosamente contra o tico doloroso da cara, as neuralgias faciaes, intercostaes, reumaticas, sciaticas e vesicaes, contra o zona (cobreiro), a vertigem estomacal, o lumbago, a extenuação resultante da fadiga, do trabalho á sobreposse ou de um resfriamento e particularmente contra as colicas periodicas das senhoras.

O preço em França, é de 5 fr. o Frasco. Depósitos nas principaes cidades de Portugal e Brazil.

Pode-se obter a **Cerebrine** por intermedio de todos os pharmaceuticos no Brazil e em Portugal e em Pariz na *Pharmacie du Printemps*, 114, rua de Provence, Pariz.

MUSICA PARA PIANO

NOVIDADES DE MAIOR SUCCESSE

	LIQ
CLÉRICE (J.). <i>Ségovie</i> , Dansa hespanhola	1 70
CAMILLE ERLANGER, <i>Serenata</i> carnavalesca.	2
GALLÉOTTI (C.). <i>Valsa melancolica</i>	1 70
GUIRAUD e SAINT-SAENS. FREDEGONDE , Aria do bailado nº 1.	1
HAAKMAN (G.). <i>Pendant le bal</i> , Intermezzo-valsas.	1 70
LACOME (P.). <i>Berceuse</i>	1 35
MARÉCHAL (H.). <i>Desdemona adormecida</i>	1 35
MULDER (J.). <i>Napolitano</i> , Tarantella	1 70
PESSARD (E.). <i>Les Guêpes</i> , Aria do bailado	2
— <i>La Tzigane</i> , Mazurka	2
PFEIFFER (G.). <i>Chœur des fileuses de KERMARIA</i>	1 70
— <i>Musette et biniou</i>	1 35
SALVAYRE (G.). <i>Albanaise</i> , Dansa.	2
SOMA (J.-B.). <i>La Fiesta de los niños</i> , Bolero	1 35
WITTMANN (G.). <i>Marche du Figaro</i>	1 70

O catalogo é enviado FRANCO DE PORTE

Paris. PAUL DUPONT, Editor, 4, rue du Bouloi.



OS MAIS SOLIDOS

OS MAIS LEVES

OS MAIS RAPIDOS

OS MAIS BARATOS

Agencia Geral : 30, Cordeny-Street, Londres.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIZ :

1878. MEDALHA DE OURO | 1889. FORA DE CONCURSO

A MAIS ALTA RECOMPENSA DADA AOS ADUBOS

MEMBRRO DO JURY DE RECOMPENSAS

SOCIEDADE ANONYMA

DE

PRODUCTOS CHIMICOS AGRICOLAS

Sêde social em BORDEAUX

H. JOULIE, A. e J. LAGACHE, administradores

ADUBOS ESPECIAES (Formulas JOULIE)

Para cafézeiro, despeza por pé: 0 fr. 12 a 0,20, mais ou menos.

— cacaoeiro, id. 0 fr. 60 a 0,70, id.

— canna de assucar, despeza por geira ou 1/5 de hectare, de 50 a 55 francos.

Venda sobre titulos garantidos

INFORMAÇÕES, ANALYSES — LABORATORIOS DE CHIMIÇA AGRONOMICA EM PARIZ E EM BORDEAUX

Dirigir-se aos Administradores da Sociedade:

30, rua des Allamandiers (BORDEAUX).

15, rua des Petits-Hôtels (PARIZ).

COMPANHIA MECHANICA E IMPORTADORA DE SÃO PAULO

Capital realizado : 5.000:000\$000

Fundos de reserva : 1.036:653\$758

Fabrica e vende as melhores machinas para a lavoura, artes e industrias, para o que tem grandes officinas nas ruas do Triumpfo e Monsenhor Andrade.

FABRICAÇÃO EXCLUSIVA DAS SEGUINTE MACHINAS PRIVIL GIADAS :

Seccador de café : AUGUSTO RAMOS

Descascador de café : EUGELBERG SICILIANO

Despulpador de café : MECHANICA

Separador de arame : AVIGNON

Catador de café : MANFREDI

Batedor mechanico para refinação de assucar : HENZI

Tem sempre em deposito ferro em barra e em chapas, telhas de zinco, arame farpado e liso, phosphato de cal, cimento, tubos pretos e galvanizados, emfim todos os artigos concernentes a este ramo.

Agentes dos áfamosos fabricantes de vapores **ROBEY et C^a L^a, RICHARD HONRSBY et SONS L^a** (Inglaterra)

AGENTES DE OUTRAS FABRICAS DA EUROPA E ESTADOS UNIDOS

Escriptorio em Londres : 67, Queen Victoria Street, E. C.

Escriptorio Central : Rua 15 de Novembro, n^o 36

SÃO PAULO

MEDALHA DE OURO
NA ULTIMA EXPOSIÇÃO
DE FRANCFORT

LUDWIG LEONHARDI

MEDALHA DE OURO
NA ULTIMA EXPOSIÇÃO
DE FRANCFORT

ESTABELECIDO NOS ARREDORES DE ZURICH (SUISSA)

EXPOSIÇÃO PERMANENTE DE CAËS DE TODAS AS RAÇAS

Montanhezes

São-Bernardos

Dogues de Ulm

Carlindogues

Dachshund

ou

Basset



Dinamarquezes

Escuros

e Dinamarquezes

pintados

(1^o premio)

Caës pastores

Wolf-Spitz

e

Pequenos Spitz

Serviço de expedição de primeira ordem e de toda a garantia para todos os paizes

Para todas as indicações dirigir-se ao escriptorio da « Revista Moderna »

Revista Moderna

MAGAZINE BRAZILEIRO E PORTUGUEZ

Direcção de M. BOTELHO

O MAIS COMPLETO E O MAIS ARTISTICO QUE SE TEM FEITO EM LINGUA PORTUGUEZA

PUBLICA QUINZENALMENTE :

Romances, Novellas, Chronicas, Actualidades, Politica Internacional, Viagens, Modas, Sport, Supplementos Musicaes, Retratos artisticos e Illustrações em Côres

Brevemente será posto á venda no BRAZIL e PORTUGAL

O PRIMEIRO VOLUME DA REVISTA MODERNA

Contendo **400** paginas em magnifico papel, mais de **450** illustrações e **6 hors-textes** verdadeiras gravuras de arte

2 Supplementos musicaes e 2 Supplementos de Modas

COLLABORADO PELOS EMINENTES ESCRIPTORES :

Eça de Queiroz

Eduardo Prado — Trindade Coelho — Conde de Ficalho — Magalhães de Azeredo — Conde d'Arnos — Batalha Reis — João da Camara — Domicio da Gama — Jayme de Séguier — Maria Amalia Vaz de Carvalho — Christovam Ayres — Conde de Sabugosa — Henrique Lopes de Mendonça — Xavier de Carvalho — Fontoura Xavier — Mariano Pina — José Pessanha — Arnaldo Fonseca — Domingos Guimarães — Pereira de Sampaio — Luiz de Magalhães — Alfredo da Cunha — Abel Botelho — José Sarmiento — Henrique de Vasconcellos — Filinto d'Almeida — Silva Bastos — Anthero de Figueiredo — Coelho de Carvalho — Camara Lima — Raymundo Corrêa — A. da Cunha, etc.

Tendo a empresa da Revista Moderna resolvido uma limitada tiragem pedimos aos nossos leitores que desejarem possuir o nosso *Primeiro* volume que façam com antecedencia os seus pedidos a todos os nossos agentes em Portugal e Brazil.

A REVISTA MODERNA assigna-se em todas as Livrarias

PREÇO DAS ASSIGNATURAS :

BRAZIL	UNIÃO POSTAL	PORTUGAL
Um anno 50\$000	Um anno 40 francos	Um anno 10\$000
6 mezes 30\$000	6 mezes 24 »	6 mezes 5\$500
Numero avulso 2\$500	Numero avulso 2 »	Numero avulso 500